



日本移民五十年記念祭に
當つて「アヴェ・マリア」社は邦人
カトリック信者に特別「祝賀の
言葉を提します。

A "AVE MARIA", numa reportagem especial, dedicada a todos os japoneses católicos do Brasil, festeja a passagem cinquentenária da imigração japonesa em nossa Pátria."

(tradução livre da mensagem supra, em japonês).

maria

ANO LX
SÃO PAULO, 10 - 17 - VIII-1958
NÚMEROS 29-30

Na paz do Senhor

Pe. Cláudio Arenal, C. M. F.



Confortado com os sacramentos da Igreja, faleceu no dia 28 pp. às 20,15 no Instituto Teológico Claretiano, de Curitiba, o Pe. Cláudio Arenal, CMF. No dia seguinte, às 9 horas, foi celebrada a Missa de corpo presente, na Igreja do Coração de Maria, tendo Dom Manuel da Silveira D'Elboux, DD. Arcebispo Metropolitano, oficiado nas solenes exequias.

O féretro saiu da Igreja do Coração de Maria, às 17 horas, para o cemitério da Água Verde.

O Pe. Cláudio nasceu a 30 de Outubro de 1878 em Sortilo, Espanha. Depois de fazer seus estudos eclesiásticos, foi ordenado de sacerdote em julho de 1904, tendo chegado ao Brasil a 23 de Agosto de 1905.

Dois anos mais tarde veio a Curitiba, onde trabalhou durante alguns anos. Durante nove anos exerceu seu apostolo em Goiás onde foi secretário do Sr. Bispo da então Prelazia de Tocantins. Com a morte do prelado, desempenhou o cargo de Vigário Capitular.

Além das atividades que exerceu em Goiás e no Paraná, o Pe. Cláudio trabalhou também em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Havia 12 anos que se achava em Curitiba, onde trabalhou muito como Vigário da Paróquia do Coração de Maria.

A 10 de julho de 1954 comemorou o jubileu áureo sacerdotal, tendo recebido nessa ocasião, do governo espanhol, a comenda de Isabel, a Católica.

R. I. P.



Recebendo todos os Sacramentos faleceu na Paz do Senhor, Da. Angelina Zardini. A família nossos pêsames.

LAGÔA DA PRATA (Minas)



Faleceu na Paz do Senhor o Prof. Francisco Mourão, o qual foi por muitos anos zelador desta revista. A "Ave Maria" apresenta sinceros pêsames à família, e pede aos distintos assinantes preces pelo seu descanso eterno.

CUMPREM PROMESSAS

A Santa Rita agradeço minha saúde e a São José poder voltar ao emprego, Benedita Medeiros, de Itapetininga — A N. Sra. e a Sto. Antônio meus agradecimentos por ter favorecido minha irmã, Linda de Castro, de Santo Antônio do Monte — A N. Sra. Aparecida e a N. Senhora do Perpétuo Socorro, Laurinda Couto, de Santo Antônio do Monte — Agradecem a São Judas, Rinaldo Francaroli e Delisa Francaroli, de Pederneiras.

A culpa é tua

Quando Deus chamou o nosso pai Adão à responsabilidade depois da queda, o primeiro desculpou-se. A culpada tinha sido a mulher. Esta, por sua vez, pôs a culpa na serpente. E, afinal de contas, a culpada foi a cobra.

Nada parece tão humano como atirar a culpa para cima dos outros. Somos uns autênticos herdeiros dos nossos primeiros pais. Mas não está certo.

Para que façamos um legítima penitência é preciso, antes de mais nada, que nos reconheçamos culpados. Sem isto nada feito. Já pensaste de quantos males és o culpado? Julgas que não? Pois olha: Faltam-nos bons sacerdotes, sacerdotes santos, já sabias disso? Não sabias? Pois a culpa é tua.

Muitíssimas pessoas vão diariamente esbarrar nos caminhos do inferno. Não sabias? Pois a culpa é tua. Os comerciantes de carne humana alargam cada vez mais a rede de seus negócios. Já o sabes? Pois a culpa é tua. E não me venhas a desculpar-te, dizendo: "Por acaso sou eu o responsável pelo meu próximo?"

Sabes de quem é essa evasiva? Do fraticida Caim. Queres ser como êle?

Não rezas pela santificação do clero. Não perdes o sono por saber que vão tantas almas para o inferno. Pouco se te dá que a carne humana seja artigo de mercado. Achas que isso é com os responsáveis. Não contigo, que não tens nada com isso. Não queres incomodar-te. Sabes o que diz o Mestre? Aquêles que não se querem incomodar não são dignos do Reino de Deus? Ouviste. Não são dignos.

Dizes que tudo isso sempre foi assim. Que já foi pior. Vá lá. Mas, se não é melhor, sabes por que? A culpa é tua. Onde está o teu irmão?

Vais ter que prestar contas um dia. Não a mim, mas ao Rei dos Reis. Sabes de cor as Obras de Misericórdia? Não só as corporais, mas também as espirituais? Ah!, sabes? E, por que não as praticas? A culpa é tua.

Ninguém vai para o céu sozinho, fica sabendo, se já o não sabes. Ou ajudas a salvar o teu próximo, edificando o Reino de Deus num mundo melhor, ou te arriscas a ires para o inferno com êle. Não acreditas? Pois é verdade.

Por hoje, não te quero maçar mais. Pensa bem no que aqui vai. Talvez te queiras defender. Mas, a culpa é tua!

Ave Maria

PADRES CLARETIANOS

Diretor:

Pe. José de Matos, C.M.F.

Redator:

Aury M. Brunetti, C.M.F.

ASSINATURAS:

Anual Cr\$ 70,00
Número avulso . . Cr\$ 2,00

RED. E ADMINISTRAÇÃO:
R. Jaguaribé, 761 - Caixa 615

OFICINAS:

R. Martim Francisco, 646-656
Telefone 52-1956 - São Paulo

Ela subiu aos céus

Na asa gentil de sua Assunção, Nossa Senhora levou as nossas mais caras esperanças: da proteção maravilhosa de seu carinho maternal sobre nós, desimpedida estrada para as nossas subidas, bendita coroa de luz, à imitação Dela, para nossos destinos definitivos no seio de Deus.

Na realidade, a Glória em corpo e alma, com que o Senhor recompensou Maria, possibilitou à Nossa Mãe uma assistência mais amorável, canalizada em termos humanos, alargada em horizontes eternos, para as nossas expectantes necessidades e preces.

E nos ofertou um caminho desembaraçado.

Receamos meter-nos na rota das ascensões sublimes de Jesus Nosso Redentor, nosso irmão e contudo nosso Deus, de infinita majestade e poder?

Eis que Nossa Senhora, águia real a sobrevoar os anelos dos pequeninos aguiluchos, se ergue também, na mesma direção do céu, orlada de esplendores, sim, mas sempre Mãe, na realidade viva de sua alma abençoada e de seu coração palpitante de afeto.

E sonhamos com acertados desejos, também nós, as futuras exultações.

Jesus fôra modelo, na ascensão e no triunfo.

Maria convida, agora, com irrecusável estímulo, às elevações e às coroas.

Uma jóia de profunda alegria, a Assunção da Virgem.

—oOo—

Tôdas as luzes do céu são virtudes na terra.

Plantam-se no chão as sementes luminosas que abrem em estrélas celestes.

E' preciso que nossa vida se encaminhe para a rota de elevação definitiva, para nosso corpo e nossa alma.

Há um programa inteiro e minucioso de pureza, de obediências, de humildades, de amores sinceros e operantes, de fé intímorata e contínua esperança, no panorama grandioso da Assunção de Nossa Senhora.

Seus filhos, cumpre-nos seguir o itinerário certo, sem desviar-nos para outros caminhos, cujo termo não são elevações e glórias imorredouras.

—oOo—

É urgente honrar a pureza, nos combates

díficeis e quotidianos, dos olhos, das mãos, do coração e dos desejos silenciosos, bem como nas intenções sempre retas de nossas atividades e anelos profundos.

Uma humildade que suba nossa alma às alturas da Escrava do Senhor, há de ensejar a operosa e imediata obediência, as necessárias renúncias do amor próprio, sedento de exaltações que não nos colocam na direção do céu.

Uma caridade formosa e tranquila, que olha para Deus assim como as flôres se voltam para o sol, que desça aos irmãos como a chuva benéfica, abundante e desinteressada. Não serão unidamente irmãos no afeto os que nos desejamos juntos no mesmo ramallete de fulgurações do triunfo de Nossa Mãe?

Uma Fé que, entre tôdas as escuridades, às vèzes prolongadas como infindáveis túneis angustiosos, saiba conservar acesa a crença e a confiança.

Uma Esperança vivaz que nos levante sempre os olhos para o céu, a fim de que não desesperemos na terra, a terra de tantas decepções e sofrimentos...

É êsse o roteiro da Assunção de Maria.

O caminho de nossas virtudes e esforços, em busca de idêntico prêmio.

—oOo—

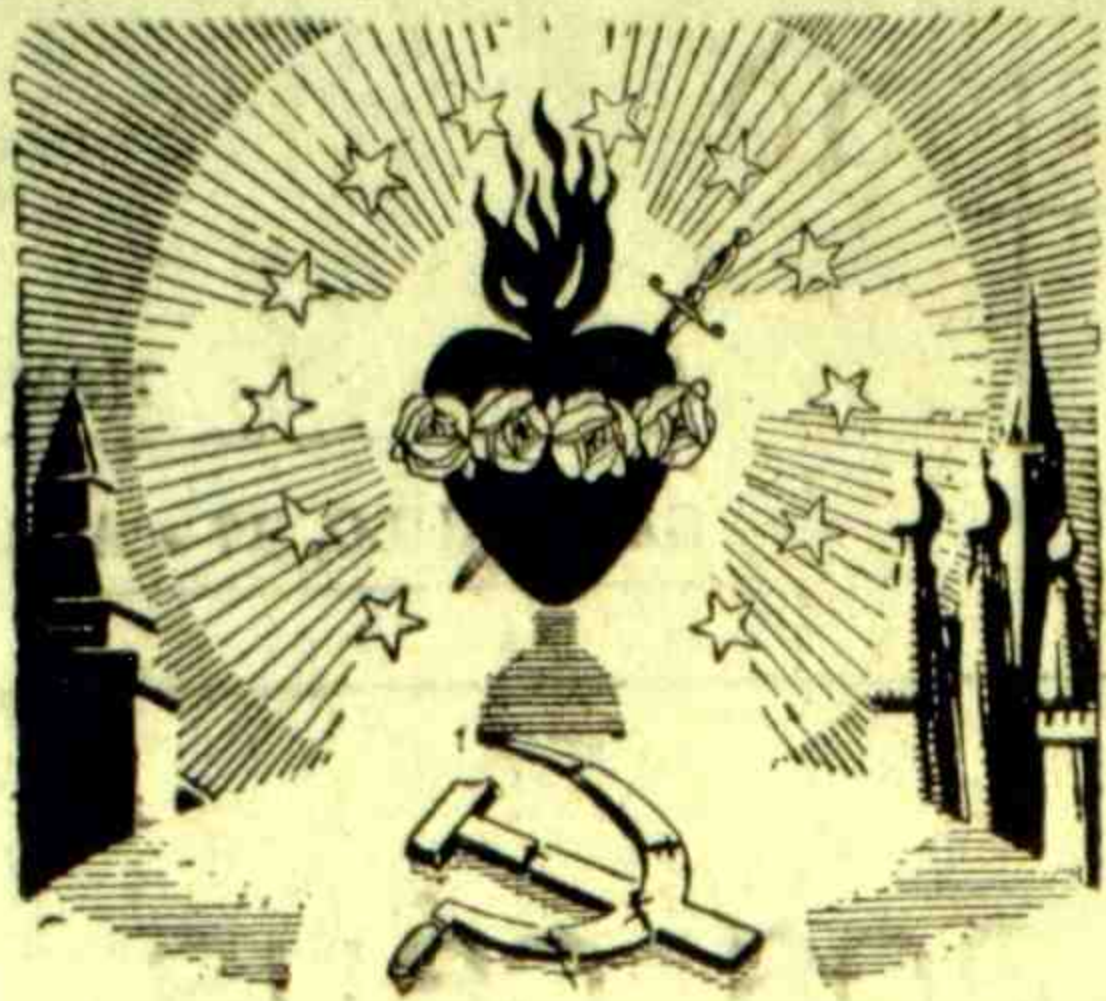
Na medida que subimos os Alpes, receando os desfiladeiros a pique, a erosão e o declive, sedentos de visões panorâmicas sempre mais largas e belas, o frio e a neve nos assaltam, nos apertam, quase fechando os nossos caminhos.

Mas que deslumbramento quando entre os espinhos do esforço tenaz e as brancuras imaculadas da neve, atingimos os cumes esplêndidos, brilhantes, enriquecendo os nossos olhos, dilatando os horizontes de nossa alma...

A Assunção de Maria, entre esforços de suas virtudes e belezas níveas de sua imaculada integridade, é para nós um delicioso convite, aliciente e festivo.

Subiremos essa Montanha Celeste.

E nos deslumbraremos, na posse do amor de Deus, e do formoso carinho de Nossa Senhora.



Intenção da Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria para o mês de Agosto

“Rezar para que se fomentem os filmes morais e se suprimam os indecentes”

CINEMA — TEATRO DO POVO

Não tenho estatística de outros países, mas aqui no Brasil não há divertimento mais popular nem mais concorrido do que as projeções cinematográficas, máxime depois do advento do cinema sonoro. Nas grandes cidades a concorrência é tanta que as filas intermináveis de pessoas à procura de ingresso já se tornou espetáculo corriqueiro aos olhos dos transeuntes.

O teatro, outrora tão em voga, parece ter perdido definitivamente sua importância e agora é privilégio de diminuto número de admiradores. Todo o passa-tempo do mundo moderno converge para as três maravilhas da eletrônica: cinema, rádio, televisão.

Cabe agora perguntar: qual deve ser a atitude dos católicos em face desses inventos?

É óbvio que a Igreja Católica como pioneira e defensora das ciências e das artes em todos os tempos, só pode ter palavras de elogio e incentivo para os progressos da técnica moderna. Deus deu inteligência ao homem a fim de que se aperfeiçoasse como descobrimento, contemplação e manejo das maravilhas da criação e assim, pelo conhecimento e domínio sobre as criaturas, conhecesse e amasse melhor o Criador e aprendesse a obedecê-lo (Rom. I,20).

As criaturas são os degraus de uma imensa escada que nos levam até Deus. Mas sabemos que o homem é livre e muitas vezes voltando as costas ao Altíssimo cai de joelhos e adora a escada.

Esta é a inversão de valores que infelizmente temos de lamentar e de que nos adverte o Santo Padre Pio XII: “Êstes meios técnicos que estão, pode-se dizer, ao alcance de qualquer um, exercem extraordinário poder sobre o homem, já porque o podem iluminar, enobrecer e embelezar, já porque o podem arrastar às trevas, levar à depravação ou deixá-lo à mercê dos instintos desordenados conforme seja bom ou mal o espetáculo que se lhe antolha”.

Deixando à parte rádio e televisão, talvez não haja em nossos dias um veículo de corrupção mais eficaz do que o cinema. Simplesmente por ser um meio de diversão muito popular e ao alcance de quase todas as bolsas, torna-se uma fonte de rendas fabulosas para os produtores e empresários. E acontece que uns e outros, ante a perspectiva dos milhões, não atentam para a qualidade dos filmes, impingindo ao público, na sua maioria composto de menores, películas abaixo de toda a crítica ou abertamente atentatórias à moralidade.

Com o fito de apregoar tão infame mercadoria aí estão nas portas dos cines os cartazes chamativos em cores vivas, onde se louvam às claras os escândalos da cinelândia e os crimes mais nefandos! Os resultados são por demais evidentes para quantos tenham olhos e queiram ver. O aumento assustador da criminalidade juvenil em nossa pátria vem assustando o povo e preocupando as autoridades.

O cinema de aventuras é o principal responsável pela proliferação dos chamados play-boys que, não há muito, puseram em polvorosa certa cidade do litoral paulista. Tudo indica, pois, que o problema é menos de polícia do que de educação da juventude. E a Igreja que por instituição divina é a guardiã absoluta da moralidade, sente-se no dever de intervir. O Santo Padre Pio XII — Sucessor de S. Pedro e Doutor Universal, — falou instituindo em Roma a Comissão Pontifícia do cine, rádio e televisão e renovou a ordem dada por Pio XI na sua encíclica “Vigilanti Cura” de que em todas as nações organizassem os bispos uma própria Oficina Permanente Nacional.

Tanto a Comissão Pontifícia do Cine como as juntas de censura dos

diversos países têm duplo objetivo: progresso e defesa. Em primeiro lugar: essas comissões promovem a produção de películas boas, classificam-nas e fazem chegar ao juízo aos sacerdotes e aos fiéis.

Mister se torna que os católicos obedecem docilmente ao parecer dos censores cujo fim não só instruir os espectadores em geral, mas também orientá-los sobre o espetáculo acomodado à inteligência, ao desenvolvimento intelectual, emotividade e sensibilidade de cada um.

Somente com a nobre e enérgica cooperação de todos é que poderemos ver um dia a decisiva moralização do cinema em nossa terra.

Mas em que pese a incrível xurrada de filmes pornográficos que nos vêm do estrangeiro, e sóla-nos verificar que o povo prefere os bons filmes, mormente de caráter ou fundo religioso. Haja vista os verdadeiros reveses de bilheteria provocados bem pouco, pela belíssima película “Marcelino Pão e Vinho”. São esses os espetáculos que, além de educar, enchem de nobres ideais o coração humano!

Lembremo-nos por último que S. Santidade o Papa Pio XII quis firmar sua Encíclica sobre rádio, cine e televisão precisamente no dia 8 de Setembro, festa da Natividade de N. Senhora.

Maria — obra prima das mãos de Deus — é o ideal supremo de beleza oferecido à contemplação dos homens. E o seu Coração Imaculado é o relicário de tanta beleza quanto é belo, artístico e nobre.

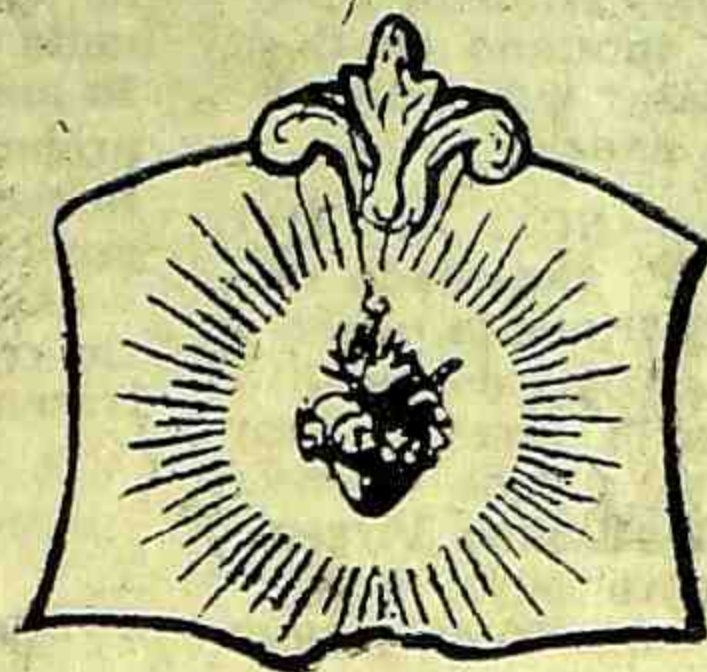
Peçamos-lhe com fé pela moralização do mundo do cinema, rádio e da televisão.

Pe. José Rezende. C. M.

NÃO HA ninguém menos curioso de saber que as pessoas que r sabem. (Suard)

== Duas Festividades Marianas ==

Com seu Coração Imaculado,
Ela está agora no Céu,
à direita do Filho,
intercedendo por nós...



ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

(15 de agosto)

É o mais recente dos dogmas marianos. Foi definido, solenemente, como verdade de fé, pelo atual Sumo Pontífice, o Papa Pio XII, no dia 1 de novembro do Ano Santo de 1950. Essa proclamação solene do Vigário de Cristo na terra não foi mais do que uma reafirmação explícita de uma sólida e antiquíssima crença da Igreja, segundo a qual, a Santíssima Virgem Maria, chegado o tempo da sua partida deste mundo, foi levada ao Céu, em corpo e alma. O seu corpo santíssimo — arca da Divindade, onde o Verbo se fez homem, jamais deveria corromper-se e ficar abandonado no sepulcro. Agora Nossa Senhora, com Jesus, seu Filho, está no Céu, em corpo e alma, como Rainha dos Anjos e Santos e como nossa Mãe, velando por nós, seus filhos. Ela prepara o Céu aos seus devotos, pois “jamais se perderá um verdadeiro devoto de Maria”.

IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

(22 de agosto)

Na expressão universal da humanidade, o coração é considerado como o centro da vida afetiva e, sobretudo, como a sede do amor. A devoção ao Imaculado Coração de Maria é um culto público da Igreja Católica ao Coração da Mãe de Deus, enquanto que esse coração físico dessa Mãe sublime, simboliza o seu imenso amor a Deus e aos homens, a sua santidade e perfeição. Nos últimos tempos, esta devoção tem evoluído muitíssimo, sobretudo depois dos pedidos feitos pela mesma Virgem Mãe de Deus, em suas aparições de Fátima (Portugal), em 1916. Atendendo aos pedidos da Branca Virgem de Fátima, o Papa Pio XII, a 31 de maio de 1942, consagrou o mundo inteiro ao seu Imaculado Coração e, em 1944, estendeu, a toda a Igreja, a festividade litúrgica em honra do I. Coração de Maria. Um frêmito de Marianismo perpassa o mundo de hoje e nos permite antever uma aurora de paz e felicidade para o mundo contemporâneo, se a humanidade atender aos pedidos de N. Senhora. Ela o disse aos videntes de Fátima: “por fim, o meu Coração triunfará”.

AURY MARIA BRUNETTI, CMF.

NADA DE TIMIDEZ



A timidez caracteriza-se pela falta de segurança no decidir e no agir. Irresoluto ante a ação, o tímido é acanhado, medroso, prevenido em demasia. Falta-lhe ânimo e uma normal dose de boa ousadia. E esta carência causa-lhe ainda por cima sentimento de desconfiança de inveja, de melindres exagerados.

Muitas podem ser as causas da timidez: uma emotividade muito grande, má educação doméstica, ou escolar, com rigores excessivos e injustos, vida num ambiente depressivo ou lembrança muito viva de decepções sofridas. Nas profundezas da alma tímida, contudo, muitas vezes se encontra um certo orgulho que se mascara de falsa modestia ou de surda inveja dos que triunfam na vida.

Falando em geral da timidez, podemos descer a uma pergunta particular: — “Por que os católicos são comumente tímidos na vida social e pública? Por que qualquer cabotino se eleva a “líder” disto ou daquilo, enquanto os católicos competentes, conscienciosos, que gozam da confiança e da estima do povo ficam no seu canto, lamentando apenas a má direção dada por aqueles falsos líderes à massa? Aí fica a pergunta para exame de consciência.

É para emenda. Pois a aniquiladora timidez pode ser dominada, por uma vontade férrea e pela continuidade do esforço. Cumpre ao tímido lutar; ser indiferente aos sucessos ou insucessos; atentar sempre; esperar com fé confiante: “porquê o homem decidido com tempo e perseverança, alcançará a vitória!...”

Frei BENVINDO DESTEFANI, O.F.M

● BONN, julho (NC). — “Devemos reconhecer que ocorreram e ocorrem manifestações sobrenaturais e não temos direito de duvidar da piedade com que se elevam preces em Lourdes”, escreveu aqui, em sua revista “Quatenber” o Dr. Wilhelm Staehlin, ex-bispo luterano de Oldenburg, ao relatar sua visita a Lourdes, há dois anos.

● ROMA, julho (NC). — Os Membros da Sociedade de Voluntários do Sofrimento, sacerdotes e leigos italianos ou inválidos, seguiram para Lourdes em peregrinação e aí, a 2 de agosto, ofereceram à Santíssima Virgem duas rosas de ouro puro; a Sociedade pediu a todos os enfermos

uma grande peregrinação ao santuário de França, chefiada pelo próprio Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Domingo último, dia 13, realizou-se uma tocante solenidade no estádio do Maracanãzinho, à noite. Vestidas de camponesas, 56 meninas de colégios do Rio representaram as 18 aparições de Nossa Senhora tendo assistido ao espetáculo centenas de pessoas.

As meninas entraram no ginásio por grupos de três e quatro, trazendo um cartaz com pala-

os pecadores”. “Penitência... Penitência... Penitência...” “Ide beber na fonte e banhar-vos”. “Faça construir uma capela e quero que todos venham em procissão”. “Não vim esta manhã porque vieram pessoas que à noite desonraram a Deus”, e, finalmente, “Eu sou a Imaculada Conceição”.

Seguiu-se a celebração da Santa Missa por D. Helder Câmara, Arcebispo-auxiliar do Rio de Janeiro, que, ao terminá-la, se encaminhou para trás do altar subindo até a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, trazida do seu Santuário de Vila Isabel, e que ali, com toda solenidade, foi coroada entre cânticos e vivas.

Desde o dia 3 de julho p.p., a paróquia de Nossa Senhora de

Marianismo



no Mundo

que nesse dia se unam espiritualmente aos peregrinos mediante um ato de consagração à Imaculada, rezando também a oração dos enfermos composta para eles por Sua Santidade, o Papa Pio XII.

● O RIO DE JANEIRO CELEBRA O CENTENÁRIO DE LOURDES — RIO (NC). — Participando dos festejos do ano centenário das aparições de Nossa Senhora em Lourdes, esta capital está realizando piedoso programa de comemorações.

Partiu a 15 de julho, por mar,

bras proferidas por Nossa Senhora em suas aparições, desfilando até o centro onde havia um altar, enquanto entoavam o “Ave” de Lourdes. Quando o cortejo terminou, ficaram formadas as letras A e M significando Ave Maria.

Os cartazes diziam: “Não lhe prometo a felicidade neste mundo, mas no outro”. “Rezai para

Lourdes é teatro de grande solenidades, romarias, confissões e missas, algumas das quais têm contado com a presença das autoridades civis e militares.

Prosseguindo na execução do programa, no dia seguinte houve um almoço, oferecido a 100 pobres, comemorando os cem anos decorridos desde as milagrosas aparições; a missa de Sua Eminência o Cardeal Câmara dando início à peregrinação oficial da Arquidiocese e, a 16, após a missa à tarde, a bênção dos doentes.

LOURDES FALANDO AO MUNDO

Um dos últimos números da revista “Seleções” publica um artigo muito bem escrito sobre os milagres de Lourdes na França, cujo centenário das aparições de Nossa Senhora a pequena santa Bernadete em todo o orbe católico está comemorando neste ano, com muito esplendor. Aconselho a sua leitura, principalmente aquelas pessoas que sofrem física ou moralmente, e ainda não atinaram com o sentido sobrenatural da dor e do sofrimento. Em Lourdes existe este milagre constante: os que não são atendidos em suas súplicas e em seus pedidos recebem o conforto sobrenatural e aceitam resignada e alegremente a provação do sofrimento.

É o caso relatado pela norte-americana.

É o quadro edificante dos milhares de doentes resignados e com a fisionomia serena foi justamente o que mais me impressionou na famosa cidade de Nossa Senhora, plantada num recanto encantador dos Pireneus franceses.

Agora, a imprensa argentina fala, em grande estilo de um milagre (autentico) alcançado, em Lourdes, em favor da Sra. Joana Fratel.

A presença da moça em Lourdes já era conside-

rada como um ato de loucura. Ela foi transportada já moribunda. Já se encontrando em estado de inconsciência, fora-lhe administrado o sacramento da Extrema Unção. Levaram-na, em seguida, à capela para morrer na paz do Senhor. Celebrava-se então o santo sacrifício da missa. Instantaneamente a moça se sente completamente curada da meningite.

Um milagre se realizava naquele momento diante da multidão tomada de estufação.

O médico que a assistia não quis acreditar no fato. Auscultou-a por duas vezes no Hospital Pontchaillou. Finalmente teve que dobrar a cerviz, apesar de ser conselheiro radical-socialista. “Não acreditava em milagres, agora me vejo forçado a crer”.

Esta atitude nos faz lembrar o grande cientista Alexis Carrel, que presenciou um milagre idêntico de uma cliente por ele assistida e levada a Lourdes morrendo durante a viagem e tendo chegado ao santuário dos Pireneus graças às injeções que lhe foram dadas.

A jovem francesa trabalha hoje, perfeitamente sã, em sua cidade natal que é Rennes.

Trabalha como enfermeira doméstica quem já estava sacramentada e morrendo na capela do santuário...

Pe. Adalberto de Paula Nunes, SDS

A MARGEM DO EVANGELHO

DECIMO SEGUNDO DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

Na ânsia de apanhar Jesus em contradição ou em algum erro palmar, um doutor da lei o interroga de improviso, truncando-lhe a palavra.

E, como o professor que, admirado da dificuldade do aluno, porque julga que êle é capaz de solvê-la por si mesmo, lhe devolve a pergunta, assim Jesus faz que o doutor da lei responda a si próprio.

Vendo-se em palpos de aranha, o pretenso discípulo busca o parecer de Jesus a respeito de uma questão realmente controversa e não de toda clara. Se todos sabiam que a lei se resumia no amor de Deus e no consequente amor do próximo, o que significava isso de próximo? Aqui as opiniões se degladiavam. E, em geral, entre os judeus se consideravam próximos os individuos da mesma nação. Os estrangeiros não eram próximos.

E Nosso Senhor dissolve a dificuldade, respondendo por meio de uma parábola em que não se encobrem suas recriminações aos que ocupavam postos altos na religião, através de pormenores alusivos.

Para compreender a parábola é preciso sublinhar certos fatos que os ouvintes de Jesus viviam, mas que nós nem sempre sabemos ou recordamos. Os samaritanos estavam separados dos judeus e ambos se consideravam mutuamente como estrangeiros, inimigos mesmo. Esta separação e inimizade se entrevêem facilmente no Evangelho. A samaritana do poço estranha que Jesus, judeu, lhe peça a ela de beber (Jo. 4, 9). De outra feita, sabendo os samaritanos que Jesus e seus discípulos atravessavam a Samaria para visitar o Templo de Jerusalém, não lhe deram pousada, atraindo sobre êles as iras de Tiago e João (Luc. 9, 52-53).

Pois bem, voltemos à parábola. O pobre viajante roubado e malferido, assim como o sacerdote e o levita, que caminhavam os vinte e sete quilômetros e desciam os novecentos e setenta metros de Jerusalém a Jericó, eram naturalmente judeus. Quando uma ação se passa num país, se entende que os protagonistas pertencem a êsse país. Caso contrário, explique-se, como fez Jesus a respeito do homem caritativo, explicando que era samaritano.

E eis o sentido das derradeiras palavras de Nosso Senhor:

Qual dos três se portou com o ferido como se êle fôsse seu próximo? Portanto, qual dos três tinha o ferido na conta de próximo? O samaritano, pois, considerou o judeu, estrangeiro e inimigo, como próximo. Faze tu, judeu, o mesmo. Considera o samaritano como teu próximo. Caía a barreira entre ambos. Ama os de tua raça e os de outras raças também. Todos os homens são irmãos em qualquer latitude da terra. Devemos amar até os inimigos.

(S. Lucas, 10, 23-27)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

— “Ditosos os olhos que vêem o que vêdes. Porque eu vos afirmo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vêdes, e não o viram; e ouvir o que ouvís, e não o ouviram”.

E eis que se levantou um certo doutor da lei, e lhe disse para o tentar: — “Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?”

Jesus lhe disse: — “O que é que está escrito na lei? Como lês tu?”

Êle, respondendo, disse: — “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todas as tuas forças, e com o teu entendimento, e a teu próximo como a ti mesmo”.

E Jesus lhe disse: — Respondeste bem. Faze isto e viverás!”

Mas êle, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: — “E quem é o meu próximo?”

E Jesus, retomando a palavra, disse: — “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que o despojaram; e, tendo-lhe feito feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto. Ora,

aconteceu que passava pelo mesmo caminho um sacerdote, o qual, quando o viu, passou de largo. Igualmente, um levita, chegando perto daquele lugar e vendo-o, passou adiante. Mas um samaritano, que ia o seu caminho, chegou perto dêle. E quando o viu, moveu-se de compaixão. E, aproximando-se, pensou-lhe as feridas, lançando nelas azeite e vinho. E, pondo-o sobre seu jumento, levou-o a uma estalagem, e teve cuidado dêle. E no dia seguinte tirou dois dinheiros, e os deu ao estalajadeiro, e lhe disse: “Tem cuidado dêle. E quanto gastares a mais eu to satisfarei quando voltar”.

Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?”

E êle respondeu: — “O que usou com êle de misericórdia”.

Então Jesus lhe disse: — “Vai e faze tu o mesmo”.

P. e. ATHOS LUIS CUNHA, C. M. F.

Arquivo religioso de um cinquentenário de lutas e de glórias

(Pe. José de Matos CMF)

Inauguração oficial dos festejos nipônicos — A missa na Sé Metropolitana — Alocução do Emmo. Cardeal Motta — Homenagem dos Príncipes da Igreja — No interior de São Paulo e do Paraná — Bispo, amigo dos japoneses — Um Missionário Claretiano inicia a catequese dos japoneses — Trabalhos de evangelização — Ordinario para japoneses — Atualidade nipo-religiosa no Brasil — Os Padres Claretianos no Japão

Com satisfação vimos o prestígio do catolicismo bafejando com aura de religiosidade e impregnando de espírito cristão os festejos e o regozijo pelo transcurso da data cinquentenária da imigração japonesa para o Brasil.

Com a frieza e despreocupação de uma nota informativa, um dos mais importantes órgãos da imprensa leiga assim escrevia em seu número de 18 de junho:

"O Príncipe Takahito Mikasa, sua esposa e comitiva assistirão hoje, às 9 horas, na catedral metropolitana, a missa solene, que MARCARÁ A INAUGURAÇÃO OFICIAL dos festejos comemorativos do cinquentenário da imigração japonesa para o Brasil".

E resultou deveras digna esta abertura religiosa das solenidades. Com razão pôde afirmar em Ibirapuera, em seu discurso de saudação aos Príncipes, o sr. Kioshê Yamamoto, presidente da comissão dos festejos do cinquentenário:

"A missa celebrada dia 18 na catedral de São Paulo constituiu um acontecimento realmente grandioso".

O mesmo Emmo. Sr. Cardeal Arcebispo celebrou o santo sacrifício. Ao fim da cerimônia proferiu bela e eloquente alocução. O Pe. Inácio Takeuchi SJ, ex-

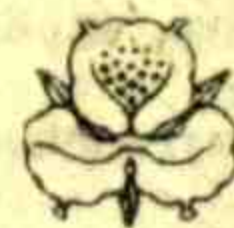
plicou a missa em japonês, enquanto o grande órgão enchia de harmonia os amplos recintos da sé metropolitana.

A entrada do templo, 15.000 pessoas, na maioria japoneses e niseis ovacionaram Suas Altezas Imperiais, que vieram acompanhadas para a assistência à missa dos Exmos. Srs. Governador e Vice-Governador do Estado e de elementos de projeção da colônia japonesa.

As câmaras fotográficas e as máquinas de filmagem arquivaram e a imprensa divulgou amplamente a posição de respeito e piedade com que de joelhos oraram ao Senhor durante a missa os representantes do Imperador Hirohito.

Em gravada ficou no ânimo do Príncipe esta cerimônia imponente do culto católico, pois, a ela se referia, em seu discurso pronunciado à tarde do dia 21 no Pavilhão das Indústrias.

"Assistimos à missa solene oficiada por S. Emcia. Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, digníssimo Cardeal Arcebispo de São Paulo, e lá, no silêncio da meditação pudemos sentir em nosso coração a série de sacrifícios e dificuldades por que os imigrantes japoneses passaram nestes cinquenta anos".



As altezas imperiais do Japão assistem, respeitosamente, as cerimônias religiosas e a Santa Missa, na Catedral metropolitana de São Paulo.

Cardeal Arcebispo São Paulo saúda Altezas imperiais do Japão



Cardeal-arcebispo de São Paulo cumprimenta o príncipe Mikasa, que o visitou no palácio Pio XII.

ALOCUÇÃO NA CATEDRAL DE SÃO PAULO

Altezas Imperiais

Exmo. Snr. Governador do Estado e Exma. Senhora

Meus Caros Irmãos

O Império do Japão e a Colônia Japonêsa em São Paulo, a República do Brasil e o Estado de São Paulo estão comemorando devidamente o acontecimento memorável da chegada da primeira imigração japonêsa ao Brasil e a São Paulo.

A Igreja em São Paulo está solidária com este acontecimento festivo e com esta comemoração jubilosa.

Assim é que acabamos de celebrar esta Missa de Ação de Graças pela feliz chegada dos primeiros colonizadores japoneses em terras brasileiras pela prosperidade de que esta colônia vem se beneficiando durante este meio século, ao mesmo tempo que colaborando poderosamente com todos os brasileiros no progresso de nossa querida Pátria.

Nas pessoas de Suas Altezas Imperiais, os Príncipes Japonêses, aqui presentes, saudamos a grande Nação, a mais progressista e culta de tôdas as nações da Ásia. A grande Nação que comunga conosco da civilização ocidental, que é a civilização cristã. É o Japão a grande nação que tem sempre cultivado as melhores relações diplomáticas com a Santa Sé Apostólica.

Mas depois de saudar assim o grande Império Nipônico, volto minhas vistas para esta parcela deste grande povo que está sediado em São Paulo e no Brasil e que fez de nossa Pátria sua segunda pátria, e que vem colaborando conosco não só no progresso agrícola, comercial, industrial, econômico e científico, pois que em tôdas as formaturas de nossas Universidades esta Colônia Japonêsa se apresenta sempre gloriosamente com alunos, magníficos conquistadores dos melhores lugares na sua colação de graus, dando à nossa mocidade um belíssimo exemplo de disciplina, de trabalho e de estudo sério.

Voltando os nossos olhares para esta Colônia, queremos também como Arcebispo de São Paulo, ressaltar que no meio desta Colônia a nossa Igreja, a santa Igreja, conta milhares e milhares de ótimos e fiéis cristãos. Cumpre ainda destacar que de todos os descendentes dos nipônicos em nossa Pátria, aquele que mais altamente e oficialmente representa esta nobre raça no Congresso do Brasil é um destacado católico, membro que muito honra a Igreja de São Paulo.

Meus caros amigos, que Deus continue pois abençoando esta grande parcela deste grande povo, esta grande parcela que conosco trabalha para o maior progresso da nossa querida Pátria.

Que Deus abençoe as suas duas Pátrias, aquela de origem e esta de adoção, e que o Japão e o Brasil possam marchar irmanados através da senda da história universal como campeões da verdadeira justiça, como campeões da verdade, campeões do direito, campeões da paz universal.

O Japão é o Império do sol nascente, é a terra do Oriente. Portanto que o sol da justiça de Deus, da verdade de Deus, da paz de Deus ilumine aquele grande império e nunca deixe de brilhar, iluminar e aquecer os corações e as inteligências dos dois povos, do Japão e do Brasil.

No interior dos Estados de São Paulo e do Paraná - Londrina

Também fora da capital paulista sobressaiu nas festas japonesas da segunda quinzena de junho a nota de religiosidade, o que as fez ainda mais simpáticas ao nosso povo católico.

Percorrendo o noticiário dos jornais daqueles dias encontramos nossos Bispos, os Chefes das comunidades cristãs, intimamente associados às cerimônias cívico-religiosas, particularmente nos lugares onde propondera o elemento nipônico.

Em geral nas cidades episcopais foi celebrada pelo próprio Bispo diocesano a missa do dia 18 de junho, em ação de graças pelos cinquenta anos de benefícios divinos aos nossos japoneses e em sufrágio das almas dos imigrantes falecidos.

Participaram ainda os srs. Arcebispos e Bispos de diversas inaugurações, bem como das recepções e atos oficiais em homenagem ao Príncipe Takahito e à princesa Yuriko.

Embora incompleta eis a lista dos Bispos, cujos nomes deparamos nas folhas impressas relacionados com os festejos das cinco décadas Brasil-Japão:

Além dos nomes de S. Emcia. o sr. Cardeal Arcebispo de São Paulo e de seu muito digno Bispo Auxiliar, Dom Paulo Rolim Loureiro lemos:

Dom Manuel da Silveira D'Elboux, Arcebispo de Curitiba.

Dom Paulo de Tarso Campos, Arcebispo de Campinas.

Dom Luís do Amaral Mousinho, Arcebispo de Ribeirão Preto.

Dom Henrique Golland Trindade, Arcebispo de Botucatu.

Dom Hugo Bressane de Araújo, Arcebispo-Bispo de Marília.

Dom José Carlos de Aguirre, Bispo de Sorocaba.

Dom Jorge Marcos de Oliveira, Bispo de Santo André.

Dom Ernesto de Paula, Bispo de Piracicaba.

Dom Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina.

Dom Jaime Coelho, Bispo de Maringá.

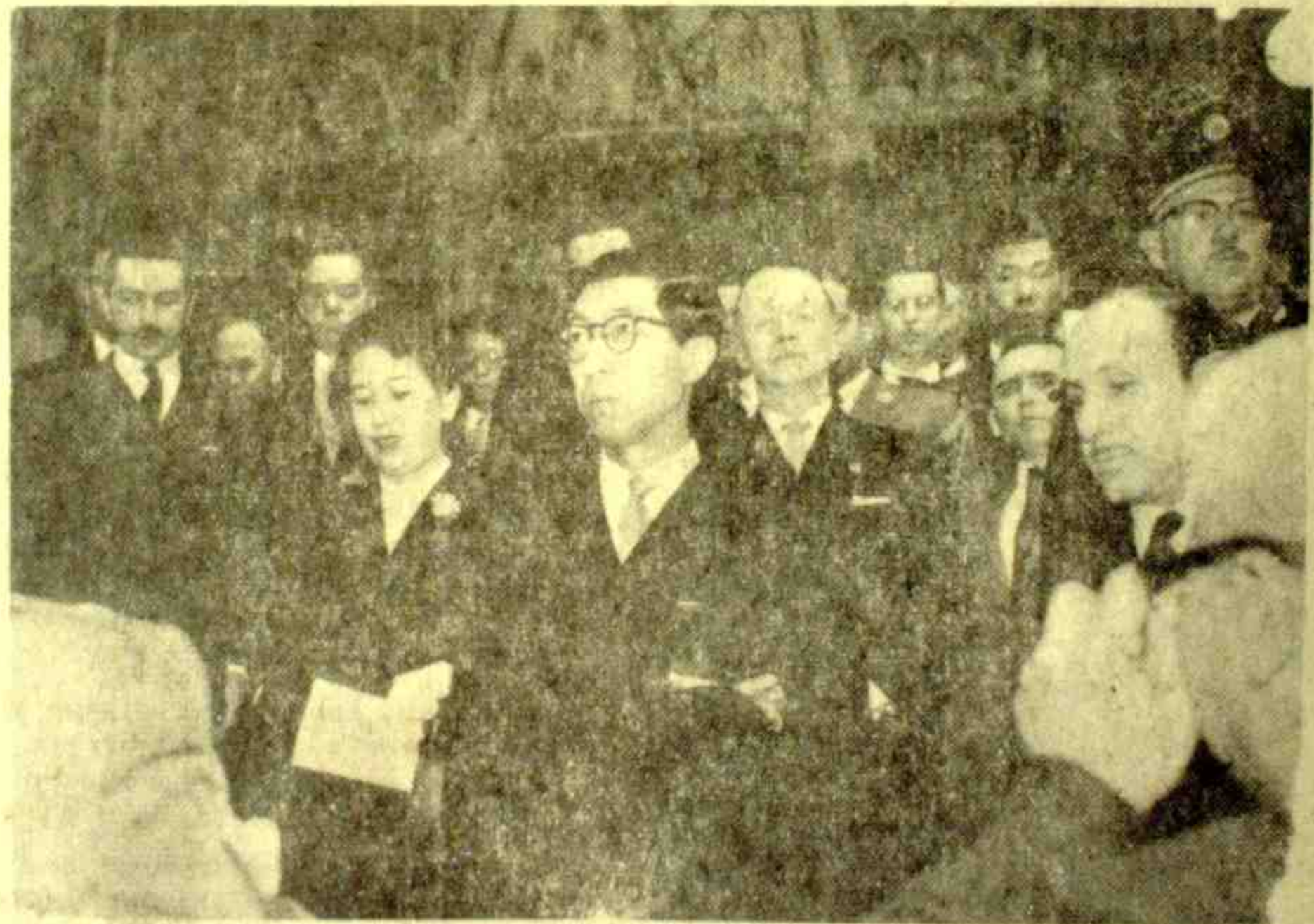
Era mesmo muito justo que Sua Alteza Imperial, o Príncipe Mikasa, em sua mensagem de adeus ao Brasil na tarde de 25 de junho se despedisse das "autoridades eclesiásticas em seu mais profundo agradecimento".

Especial relêvo e destaque merece a visita de cordial cortesia e sincero agradecimento do Príncipe Mikasa a S. Emcia. o sr. Cardeal, no Palácio Pio XII, em vésperas de partir ao Peru.

Todo este sentimento de amizade com que tão bem se irmanaram os Príncipes do Oriente e os Príncipes de Igreja, tôdas as delicadas atenções de nossas mais altas Autoridades Eclesiásticas para com a colônia nipônica no Brasil, bem como sua comparti-



No norte do Estado do Paraná, sobretudo na diocese de Londrina, a colônia japonesa está bastante desenvolvida. SUA EXCIA., D. GERALDO FERNANDES, BISPO DE LONDRINA, interessa-se vivamente pela assistência religiosa aos japoneses católicos da sua diocese. O CLICHÊ nos mostra uma homenagem que japonezinhas católicas prestam ao sr. Núncio Apostólico no Brasil, a D. Geraldo Fernandes, e a D. Geraldo Sigaud, bispo de Jacarézinho.



Os PRÍNCIPES JAPONÊSES, ao regresso da sua visita à catedral Metropolitana de São Paulo.

cipação nas grandes alegrias dos festejos populares, por certo, há de ser motivo de júbilo e ufania para os católicos japoneses e um gesto de acolhida carinhosa para aqueles que já se encaminham rumo ao redil da Igreja.

Um bispo, amigo dos japoneses

Bem merece este apelativo o Bispo claretiano de Londrina, Dom Geraldo Fernandes.

Em sua diocese se encontra a Colônia Esperança, um dos melhores núcleos católico-japoneses do Brasil. Descendem dos mártires de Nagasaki e Fukuoka. Entre eles exerce a cura de almas frei Graciano, ajudado do Irmão leigo, frei Pedro, ambos franciscanos.

No município de Londrina 10%, ou seja, aproximadamente 8.000 moradores são nipo-brasileiros, e eleva-se a 32% sua porcentagem nas escolas secundárias.

Neste meio denso de orientais justifica-se bem o zelo notável de Dom Geraldo pelos japoneses.

Reorganizou o Círculo Católico "Estrela da Manhã" e tem dado todo apoio à Escola de Educação Familiar, sob a direção de professoras japonesas de ótima formação. Mantém cursos de catecumenato para adultos e crianças. Em breve iniciará a construção no centro da cidade de uma igreja para japoneses, com pregação e catequese em seu próprio idioma. Já há conferências pelo rádio em japonês aos cuidados do Padre Pedro Miamoto.

Por intermédio da Nunciatura no Brasil e do Internúncio no Japão conseguiu a vinda para Londrina dos PP. João Sasaki e Pedro Miamoto.

Para o apostolado exclusivo entre os japoneses, além destes dois padres, estão os dois franciscanos da Colônia Esperança e mais um padre de origem alemã.



Sua alteza, o príncipe Mikasa, foi festivamente recebido em Londrina: No CLICHÊ, o prefeito de Londrina e D. Geraldo Fernandes, bispo diocesano, presidem os festejos de boas-vindas que os niscis de Londrina realizaram.

Outros dois padres de sua diocese falam a língua dos japoneses e os atendem espiritualmente. Dom Geraldo custeia ainda os estudos dum seminarista em Osaka e de momento trata da vinda de mais um padre do Japão para Londrina. Nas visitas pastorais leva consigo um sacerdote japonês que zela pelos seus patricios católicos e pagãos.

Tanta dedicação religiosa floresce já com as numerosas vocações que a diocese de Londrina vai dando para os seminários e para os conventos.



O príncipe Mikasa, acompanhado de Diretores e membros do "Centro católico japonês", fêz uma visita ao Cardeal Motta, no palácio Pio XII, em São Paulo.

Inícios da catequese japonesa no Brasil

PRIMEIRO NOME, UM SACERDOTE CLARETIANO

A 18 de junho de 1908, após 52 dias de navegação, a bordo do Kasato Maru aportava ao Brasil a primeira leva de japoneses, composta de 158 famílias com o total de 781 pessoas.

Dez anos depois já ultrapassavam o número de 20.000 sem haver ainda nenhum contacto entre eles e a religião católica.

O primeiro sacerdote que se devotou ao apostolado catequético dos japoneses, em São Paulo e consequentemente no Brasil, foi ao que se sabe um Mis-



O Rev. Pe. Daniel Chávarri, claretiano, pioneiro da catequese e assistência religiosa aos japoneses imigrados ao Brasil.

sionário Claretiano. Vive ainda, e hoje trabalha com seus entusiasmos de sempre na paróquia de Guarulhos.

É o Pe. Daniel Chávarri CMF, da Congregação dos Missionários Filhos do Im. Coração de Maria, ou Missionários Claretianos.

Imitando o zelo ardoroso de seu Pai e Fundador, Santo Antônio Maria Claret, iniciou a catequese entre os japoneses na Santa Casa de Misericórdia, onde fazia de capelão.

Exerceu também seu apostolado com os japoneses que principiavam já a radicarse nas cercanias da rua Conde de Sarzedas.

Mérito do Pe. Daniel Chávarri foi orientar a jovem Idalina Marçal, hoje uma velhinha do Asilo de São Vicente de Paulo, para a instrução religiosa dos japoneses. Sôzinha preparou para o batismo mais de 400 imigrantes do Japão.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, ciente e satisfeito dos trabalhos do Pe. Chávarri em bem dos nipões muito o alentou a prosseguir avante com todo empenho.

SRA. MARIA CRUZ TOIOKO SASAKI, que, pelos anos de 1918-1919 trabalhava na Santa Casa de São Paulo, e foi a primeira pessoa a ser batizada pelo padre Daniel, num mesmo dia em que receberam o Santo Batismo mais uns cinquenta japoneses.



Duma feita lhe disse Dom Duarte estas palavras de encorajamento e entusiasmo:

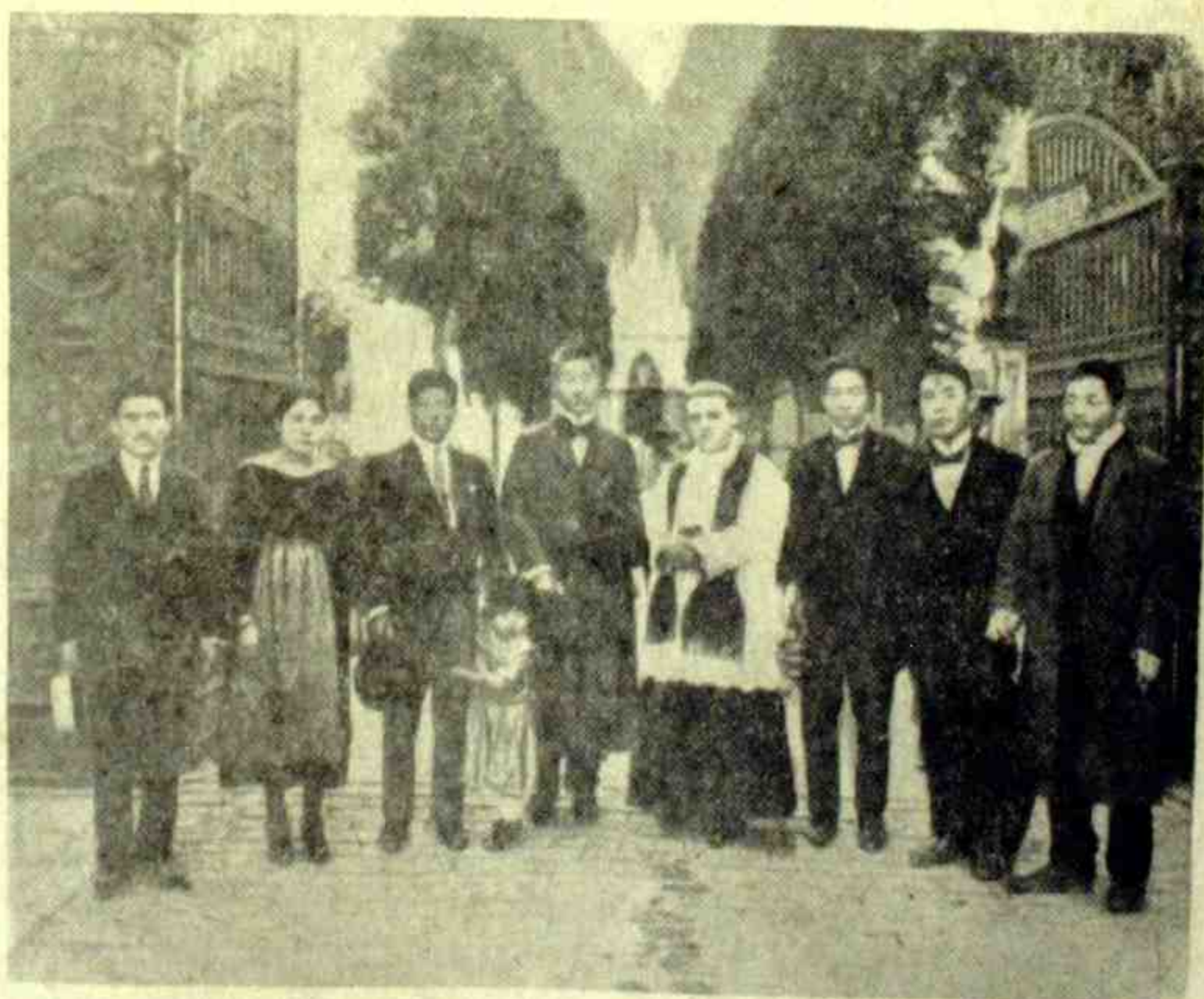
"Pe. Daniel, continue este apostolado, e onde quer que haja um japonês o senhor tem toda jurisdição em minha diocese".

Nos anos de 1918 e 19 o Pe. Daniel batizou 52 japoneses sendo a primeira a senhorita Maria Cruz Toioko Sasaki. Faleceu faz pouco.

Coube também ao Pe. Daniel Chávarri realizar o primeiro entêrro de um membro da colônia nipônica, em rito católico. As cerimônias foram feitas no cemitério do Araçá.

"Eis aí porque pode com justas razões ser este sacerdote chamado de pioneiro na catequese dos japoneses em São Paulo".

Assim termina "O São Paulo" sua reportagem sobre os primórdios da catequese entre os japoneses, em edição de 29 de junho do corrente ano.



As portas do cemitério do Araçá, em São Paulo, o padre Daniel Chávarri, claretiano, preside o 1.º entêrro, em rito católico, da colônia japonesa de São Paulo.

Assistência religiosa dos japoneses e niseis no Brasil

Principiada em 1918 a cristianização dos japoneses prosseguiu num ritmo dolorosamente lento.

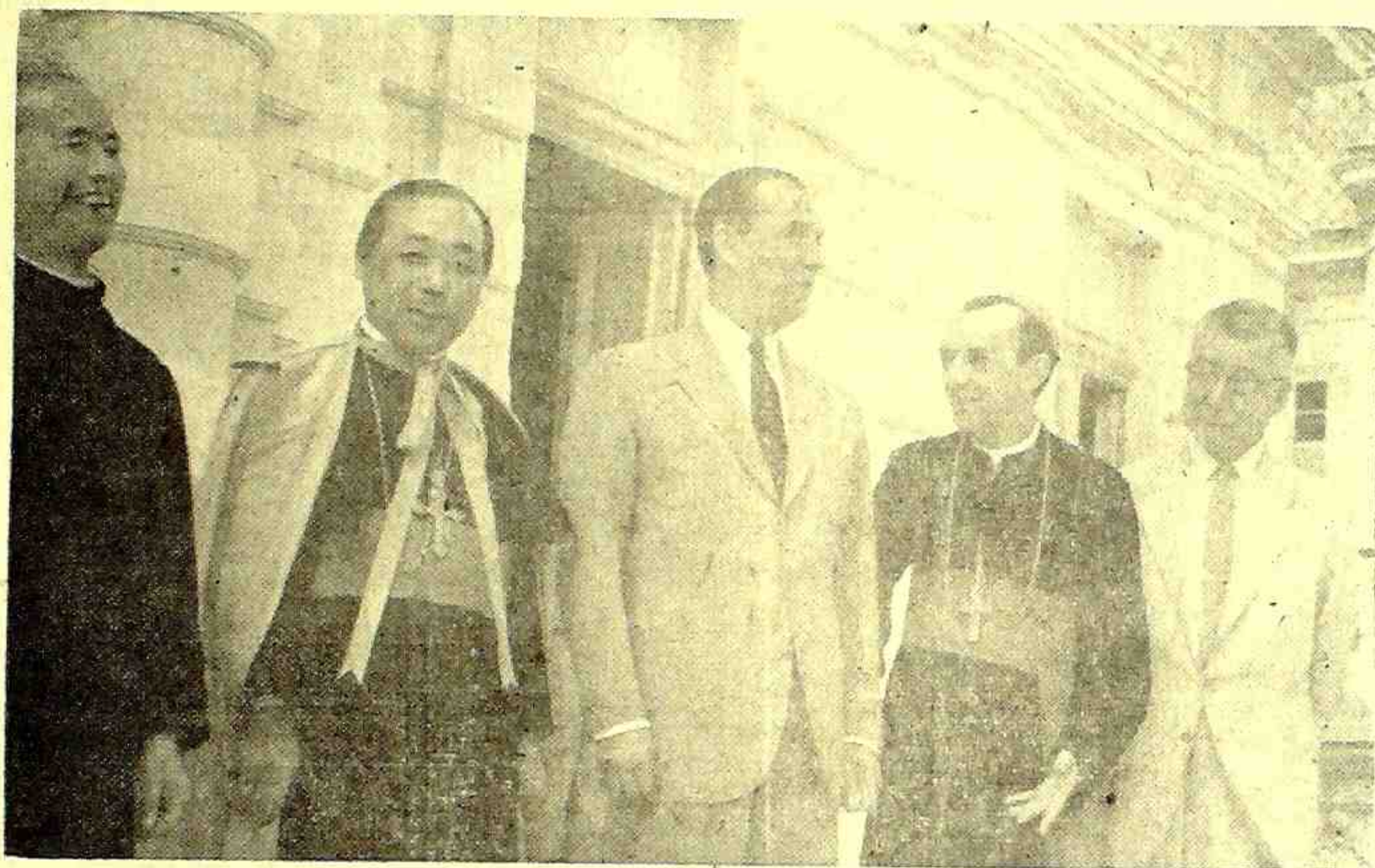
Dom Lúcio Antunes de Sousa, primeiro Bispo de Botucatu, após muita instância conseguiu a vinda do Japão do idoso Pe. Domingos Nakamura, para atender as numerosas colônias de patrícios seus, que enchiam as zonas da sorocabana e noroeste.

Entre os anos de 1928 a 1940 vieram ao Brasil oito sacerdotes missionários: dois Jesuitas, dois do Verbo Divino e quatro Franciscanos. Depois chega-

da situação religiosa dos 400.000 japoneses e seus descendentes estabelecidos no Brasil, 0,7% de nossa população global, indica vários e excelentes meios para apressar a conversão dos não-católicos e para fomentar a instrução cristã dos já batizados.

Oxalá realizem-se logo seus votos, aliás de outros muitos também, da criação de um Ordinariato para japoneses católicos e não-católicos do Brasil.

Este Bispo com todo encargo, responsabilidade



O exmo. Sr. Presidente da República e D. Heider Câmara receberam a visita de D. Paulo Tagushi, bispo de Osaka. Foram estudadas medidas de apoio e auxílio aos japoneses imigrados ao Brasil, não se descurando o problema da assistência social-religiosa aos niseis.

ram outros mais ou aqui se formam, sendo na atualidade em número de 15 os Missionários que se dedicam aos japoneses em nossa Pátria.

Apesar de todo empenho destes abnegados Missionários é pouco consoladora a visão de conjunto sobre a missão japonesa no Brasil, conforme faz ver o Pe. Pedro Paulo Koop MSC, em extenso artigo publicado em "A FE", semanário católico de Bauru, sob o título de A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-Brasileira.

O ilustre articulista em suas apreciações acerca

e jurisdição sobre os japoneses e niseis do Brasil, além de coordenar os trabalhos da catequese missionária dar-lhe-ia prestígio e realce perante a hierarquia e o governo nacional, bem como junto às chefias japonesas.

Que a nova era tão bem iniciada a 18 de junho de 1958, com os festejos dum cinquentenário de lutas e de glórias, seja também ubérrima em frutos religiosos para os filhos da Terra das Cerejeiras, que em 50 anos de esforço e laboriosidade tanto contribuíram para o engrandecimento da Pátria Brasileira.

MOVIMENTO CATÓLICO DOS NIPO-BRASILEIROS EM 50 ANOS

Fizeram a primeira comunhão	45.000	Casamentos na Igreja entre japoneses	3.500
Receberam ensino catequético	15.000	Casamentos de japoneses com outras raças	500
Extremas-unções e Viáticos	2.000	Vocações religiosas e sacerdotais	200

Organizações católicas de japoneses no Brasil

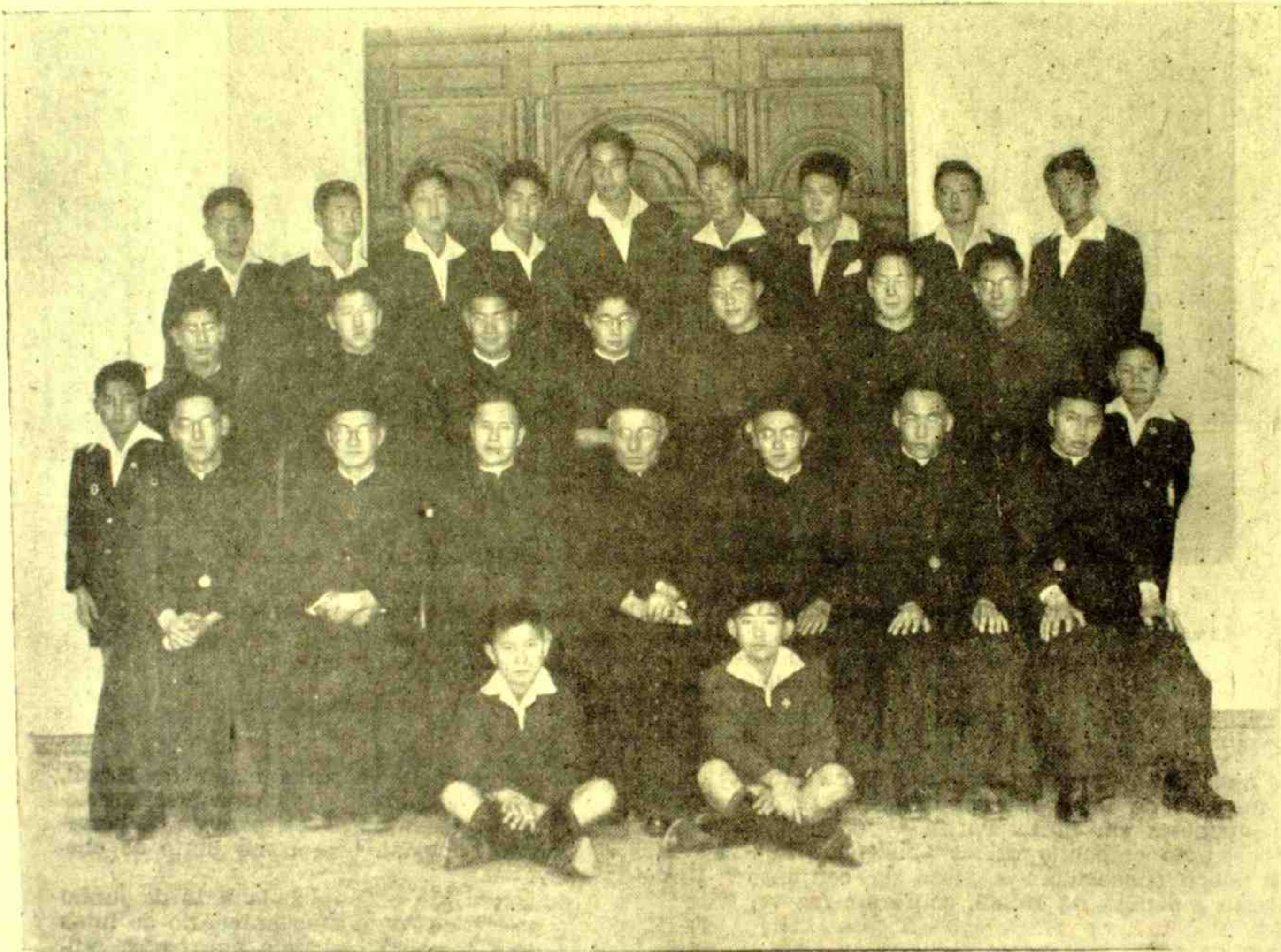
1. — INSTITUTO SECULAR. Em primeiro plano merece figurar o Instituto Secular das Catequistas Missionárias de São Francisco de Assis, com sede em Jaraguá. Seu fundador, frei Martinho Friese, OFM, trabalhou proficuamente 10 anos no norte do Japão. Vindo ao Brasil criou, a 18 de junho de 1938, em Taipas, hoje Jaraguá, duas excelentes organizações para a evangelização dos japoneses: as Catequistas Missionárias e a Escola Missionária Pio XI. O Instituto das Missionárias de São Francisco de Assis conta atualmente com 14 catequistas professoras e 11 aspirantes. A cidade de Bastos, com sua densa população japonesa bem mereceu ser a primeira ramificação deste benemérito Instituto Secular.

2. — CÍRCULO CATÓLICO "ESTRÉLA DA MANHÃ", em 25 cidades dos Estados de São Paulo e do

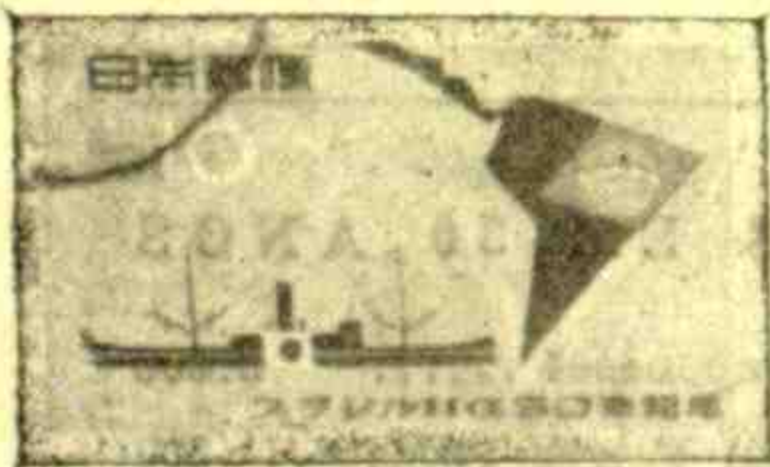
Paraná. Movimento para a formação espiritual de moços e moças niseis, com boa vitalidade. Este Círculo celebrou a 27 de julho, em Presidente Venceslau, sua Segunda Concentração da Juventude Católica Nipo-Brasileira com verdadeiro êxito e sucesso. Foi presidida por Dom Lázaro Neves, Bispo de Assis.

3. — CENTRO CATÓLICO JAPONÊS, fundado a 19 de janeiro de 1957 em São Paulo. Publica a revista mensal "Ake no Hoshi" — "Estréla da Manhã" com a tiragem de 1.600 exemplares. Presidente deste Centro é o sr. Francisco Xavier Kanegae e Assistente eclesiástico o Pe. Inácio Takeuchi S.J. Encontra-se instalado em São Paulo, à rua Galvão Bueno, 124. Possui uma biblioteca com muitos volumes em japonês e vernáculo sobre a religião católica.

4. — LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS JAPONÊSAS, em 10 cidades. Presidente desta entidade é d. Maria Margarida Watanabe. Aos cuidados da Liga está a organização da Assistência Social Dom José Gaspar que muito tem auxiliado em todo sentido, os japoneses no Brasil. Seu assistente eclesiástico é frei Bonifácio Dux OFM.



Grupo de Padres e Seminaristas, em Nova Friburgo, no Rio.



UM SÉLO JAPONÊS, justificando as boas relações de amizade e comércio entre o Brasil e o Japão.

Panorama religioso dos nipo-brasileiros na atualidade:

Católicos	150.000
Protestantes	30.000
Budistas	153.000
Seicho no Iê	80.000
Shintoístas	8.000
Sem religião	59.000
Católicos vindo do Japão	15.000
Batizados no Brasil	135.000
Sacerdotes missionários	15

Há 9 igrejas com capacidade para 3.700 fiéis.

Há 5 escolas católicas com um total de 1.500 alunos.



SÃO PAULO — Numa das salas de exposição do parque Ibirapuera, as Cateqistas Missionárias de São Francisco de Assis, sob a orientação de frei Martinho, franquearam ao público uma linda exposição catequética, muito apreciada por inúmeros visitantes. No clichê, um dos altares, com alfaias e objetos sagrados em estilo japonês, um dos números bastante apreciados dessa Exposição catequética, encerrada dia 27 de Julho p.p.



SÃO PAULO — Dom Paulo Taguchi, bispo de Osaka, encarregado de zelar pela assistência social-religiosa dos japoneses imigrados em outras nações, fêz uma cordial visita aos Padres Claretianos de São Paulo. Ele sempre foi amigo dos Claretianos, que foram seus professores e colegas em Roma, e agora trabalham em sua extensa diocese, Osaka, no Japão.

Os Missionários Claretianos no Japão

Dois Padres Brasileiros

Até o Extremo Oriente, e precisamente em terras do Japão, chega o zelo dos Missionários Filhos do Im. Coração de Maria e de Santo Antônio Maria Claret.

Desde 1933 trabalhavam na China e quando, depois de tantos esforços, lourejavam os campos apostólicos com o florescimento do bem, veio a perseguição comunista e com ela a expulsão dos Missionários da China.

Não quiseram os Claretianos regressar à Europa e a convite de Dom Paulo Tagushi se estabeleceram em sua diocese de Osaka, hoje a mais nova das missões claretianas.

A primeira residência no Japão foi inaugurada a 2 de janeiro de 1952. Apesar de dificuldades ingentes, depressa se estenderam por diversas localidades: Osaka, Kori, Takatsuki, Hirakata e Imaichi.

Dirigem paróquias e colégios onde exercem o apostolado entre cristãos e pagãos.

Dos 11 Missionários, 2 são Padres brasileiros: — Pe. Jarussi, de Capivari (São Paulo) e o Pe. Geraldo Moreira, de Carangola (Minas).

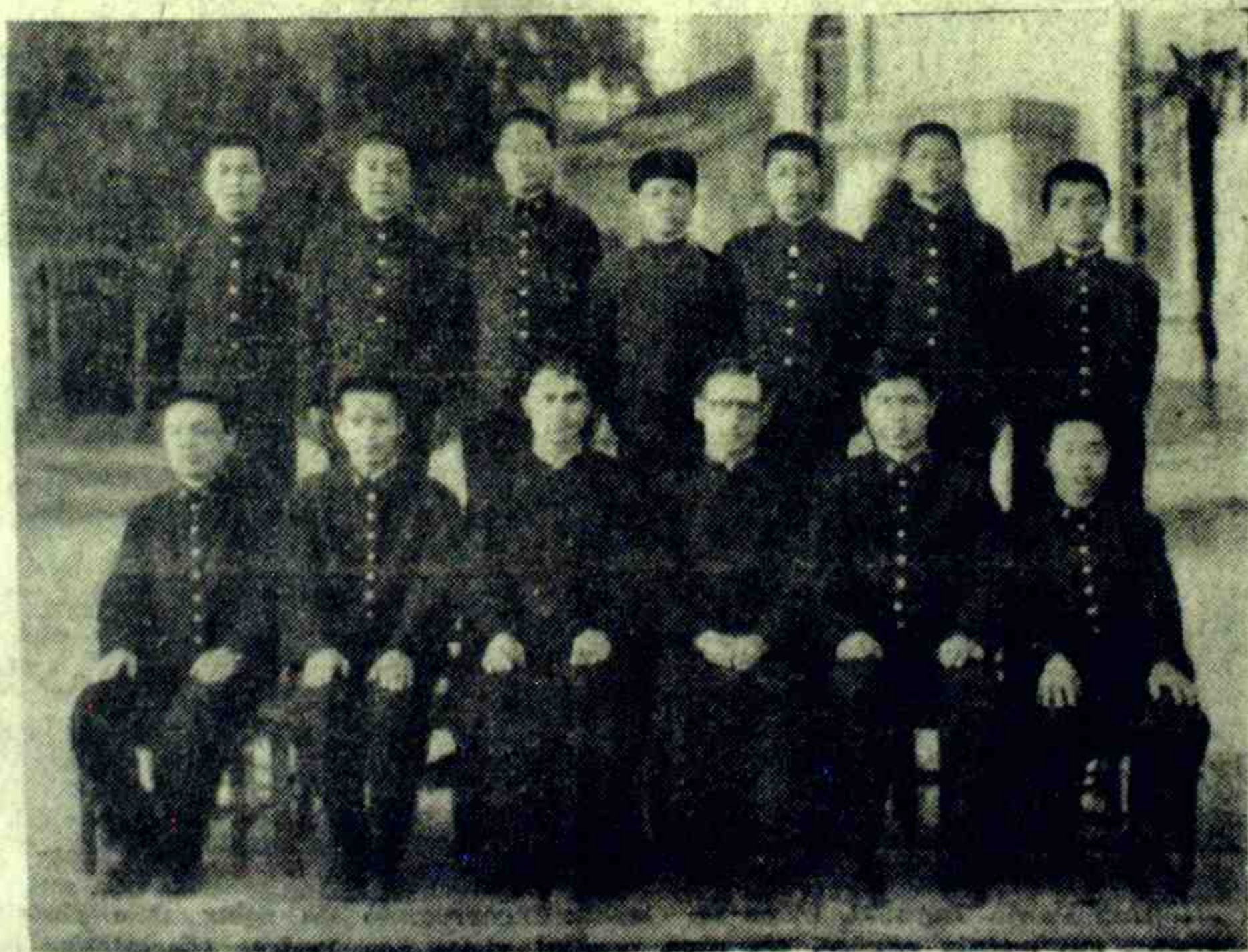
Faz pouco, começaram lá a trabalhar ao lado dos Missionários as Missionárias Claretianas.

Última realização, e da mais alta importância, foi a inauguração do Seminário Menor de Claretianos na cidade de Hirakata. Principia com 11 japonezinhos.

Damos a seguir, em números, o estado atual destas incipientes missões:



ndo quadro do Imaculado Coração de Maria, da arte japonesa. É a Mãe dos Missionários Claretianos que trabalham nas Missões do Japão.



Atraente grupo de Seminaristas japoneses, do Seminário da Missão dos Padres Claretianos do Japão, na cidade de Osaka.

Claretianos brasileiros no Japão e japonês Claretiano no Brasil



Revmo. Pe. Romário Jarussi CMF, de Capivari, São Paulo. Atualmente em Osaka, dirige ali o Jardim da Infância dos Missionários Claretianos. O Bispo Dom Paulo Tagushi o nomeou regente oficial do grandioso coral de sua diocese, integrado por 150 cantores.



Revmo. Pe. Geraldo Moreira CMF, de Carangola, Minas Gerais. É o atual Superior e Vigário de Kori, a mais florescente paróquia da missão claretiana no Japão.



Irmão Antônio Santos Yokoayana CMF, de Haadamura. Exerce o apostolado entre seus patrícios em Guarulhos, São Paulo, onde atualmente reside

TADO ATUAL DA INCIPIENTE MISSÃO CLARETIANA NO JAPAO

Mission. claretianos	11
Mission. claretianas	3
Seminário menor	1
Seminaristas	11
Colégios	3
Alunos	479
Catecúmenos	215
Católicos	1.600

Habitantes da missão: quase um milhão.

O Santo da Semana

AURY MARIA BRUNETTI, C.M.F

SANTA JOANA FRANCISCA FRÉMYOT DE CHANTAL

(21 de agosto)

Nasceu em Dijon (França), a 23 de Janeiro de 1572. Seu pai, Bento Frémyot, era presidente da Comuna da Borgonha, homem ilustre pela linhagem, ciência e virtudes.

Nossa biografada recebeu, no Batismo, o nome de Joana, e, na Crisma, o de Francisca. Ainda não tinha 2 anos de idade, quando morreu sua veneranda mãe. Passou então a residir com sua irmã mais velha, no castelo de Poitou. Aos 24 anos, casou-se com o barão Rabutin Chantal, nobre vassallo do rei Enrique IV. Ele, ótimo esposo e chefe de família. Ela, mãe exemplar, zelosa da sua casa, dos filhos e criados, administrando o castelo nas ausências do esposo, fomentando em tudo e em todos, a piedade, o santo amor e temor de Deus. Ambos, esposos modelares. Ela socorria e tratava os pobres e enfermos, com grande dedicação. Rezava muito. Com a morte do barão, num infausto acidente de caça, a baronesa de Chantal enviuvou aos 28 anos, ficando com seus quatro filhos pequenos. Passou então a viver na casa do sogro, onde não lhe faltaram sofrimento e tribulações.

Entretanto, ela era uma mulher forte, de caráter bem talhado, virtuosa, excepcional.

Em 1604, foi ouvir os sermões de São Francisco de Sales. Esse encontro com o santo bispo de Genebra foi para ela uma grande graça de Deus, o início de uma vida santa e apostólica.

Dirigida agora pelas orientações deste novo Diretor espiritual, tão humilde e manso, afável e compreensivo, a santa baronesa empreende lenta, mas segura, ascensão à santidade. Exteriormente não se notava nada especial. Cumpria diligentemente todos os seus ofícios e deveres. Mas, no fundo do seu coração, sua alma vivia só para Deus. Despojou-se dos seus adornos, deixou de usar os ricos vestidos e cortou seus belos cabelos. E, desejando pertencer unicamente a Deus, fez voto de castidade, gravando em seu peito, a ferro em brasa, o nome de Jesus. Mais tarde, empenhou-se também, com voto, em fazer sempre o que fosse mais perfeito.

Datam do ano 1606 os seus primeiros anseios de viver numa Ordem religiosa. Em 1617, manifestou desejos de ingressar no convento das Carmelitas descalças que, havia pouco, se estabeleceram na cidade. São Francisco de Sales diassudiu-a desse projeto, confiando-lhe então os planos que, havia tempo, ele vinha formando sobre a fundação de uma nova Ordem religiosa feminina, da qual ela poderia ser a fundadora.

Efetivamente, em 1610, depois de ter superado não poucos impecilhos, tendo casado sua filha Maria Amada com o barão de Thorens e colocado o filho menor sob a tutela do seu próprio pai, a baronesa de Chantal, juntamente com outras três companheiras, recebia o véu da nova Ordem da "Visitação de Santa Maria", (ou Irmãs Visitandinas), em Annecy.

Desde o limiar da sua nova vida religiosa, a par de intensas consolidações, Santa Joana experimentou também profundas tribulações. Ela foi sobrevivendo à maioria dos seus que, uns após outros, foram deixando esta vida. Em primeiro lugar, foi o seu venerando pai; depois, um filho e o sogro. Mais tarde, sua filha, a baronesa de Thorens, falecida pouco depois da morte do esposo; ainda um filho, falecido num acidente de caça. Finalmente, chegou a vez do seu santo diretor espiritual, São Francisco de Sales, cuja morte lhe foi talvez, a mais sentida e chorada. Ela muito se empenhou em perpetuar a santa memória do santo bispo de Genebra, divulgando os seus e escritos e introduzindo o processo canônico para a sua beatificação. Após prolongada agonia de 9 meses, ela veio a falecer em Paris, a 13 de Dezembro de 1641, firmemente convicta da futura canonização do seu santo diretor espiritual.

Santa Joana de Chantal foi beatificada pelo Papa Bento XIV, em 1751, e canonizada por Clemente XII, em 1767.

—oOo—

Não sem fundamento, a santa de Chantal, Fundadora e Superiora geral da Ordem da "Visitação de Santa Maria", que floriu na França no século XVII, foi comparada a Sta. Teresa de Jesus. Pois se a insigne reformadora do Carmelo, no século XVI, foi uma alma de escol que, santa e sábilmente dirigida por São João da Cruz, São Pedro de Alcântara e o beato João de Ávila, realizou grandes emprêsas por Deus e pelas almas, de sua parte, a Santa Baronesa de Chantal, ilustre pela linhagem e virtudes, empreendeu ingentes serviços para a Igreja, pelas almas, sob a direção espiritual dos seus confessores e conselheiros, São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, o cardeal De Berulle, etc.

Tô-las as mulheres poderiam ler a vida desta insigne santa. Ela é exemplo para tôdas: jovens, esposas, mães, viúvas e religiosas. Convenceu-nos de que a santidade é possível em qualquer gênero de vida. Sua vida, um elogio aos matrimônios santos, uma exaltação às mães cristãs, devotadas exclusivamente a Deus e à educação dos filhos, um hino às heroínas desconhecidas dos nossos lares.

Exemplo vivo e contagiante da "mulher forte" de que nos fala a Santa Bíblia, na qual se conjugam, maravilhosamente, grande firmeza de caráter e nobre bondade de coração.

FESTAS DE SANTOS PADROEIROS, NESTE MÊS:

- 2 Santo Afonso, dos confessores e moralistas.
- 3 Santa Lídia, dos tintureiros.
- 3 Santo Aspreno, invocado contra a dor de cabeça.
- 8 São Ciríaco, invocado contra as tentações infernais.
- 9 São João Batista Vianney, dos párocos.
- 13 São João Berchmans, da mocidade.
- 16 São Roque, invocado contra doenças epidêmicas.
- 19 São Luís, Bispo de Tolosa, da mocidade.
- 25 São Luís, Rei da França, dos Terceiros Franciscanos.
- 27 São José Calazans, das escolas cristãs populares.
- 30 Santa Rosa de Lima, da América Latina.



ARCOS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a boa viagem de meus filhos, ter minha filha sido feliz no parto e ter meu melhorado de saúde. Cecília Lara de Albuquerque

ITATIBA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret haver favorecido meu sobrinho Francisco. Francisca Pupo.

ITAÚNA — Agradeço Santo Antônio Maria Claret sua proteção tão valiosa na compra de um lote de terreno estava tudo muito difícil, mas rezando com meus três filhos a Santo Antônio Maria Claret conseguimos tudo que queríamos. Hilda Geralda Gonçalves.

NOVA LIMA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret haver meu filho ficado bom do pulmão apesar de ir já bem adiante seu estado de saúde. Augusta Nunes.

BOCAINA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças em favor de meu marido. Guilhermina Ramos Carballo.

ITAPUI — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o bom êxito de minha irmã na operação que fez. Mercedes Soto

SÃO PAULO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret e reconhecida por este favor tomo uma assinatura de Ave Maria. Benedita de Vasconcelos.

VARGEM GRANDE — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a saúde de minha mãe. Nair

CRISTALINA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret os favores que obtive em bem de minha mãe. Maria Casac Salles.

BOM JARDIM — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a saúde de meu filho adotivo Luiz. Arlinda Dias Múzi.

RIO POMBA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças em meu favor e no de minhas irmãs Julieta e Irene. Maria Angela.

PARAÍSO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a felicidade que alcançou para nosso lar. Miquelina Pereira de Rosa.

JAÚ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de minha amiga já desenganada do médico. Eunice Beú.

FRANÇA — Agradeço Santo Antônio Maria Claret ter eu sido muito feliz numa operação. Zulmira Freitas Rosa.

BELO HORIZONTE — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret sua proteção quando fui operada da vista. Maria do Carmo Neves.

PINHAL — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter favorecido meu filho. Lídia S. Pavéis.

JUNDIAÍ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter minha filha arrumado emprego. Ela envia de seu primeiro ordenado um donativo às Vocações Sacerdotais Claretianas. Aquilea N. Costa.

CARMO DE MINAS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret haver me protegido durante o parto. Maria José Marçal.

BAMBUÍ — Imploro de Santo Antônio Maria Claret graças para minha família e a consecução do emprego que pretendo ter. Omar Chaves.

JAÚ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter meus filhos sido felizes nos exames e ter eu sarado da doença que sofria. Narciso Bertoldi.

Nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas que gratas pelos favores recebidos de Santo Antônio Maria Claret, enviaram donativos para auxiliar as Vocações Sacerdotais Claretianas.

Pe. JOSÉ DE MATOS PEREIRA, C. M. F.
Caixa Postal 615 — São Paulo

Da. Nilza A. Dorini
de Botucatu

Sr. Francisco Xavier
de Campo Belo

Da. Maria C. Sousa
de São Tiago

Da. Izaltina F. Aquino
de Estreito

Da. Anunciata P. Martorano
de Pinhal

Uma Devota
São Paulo

Da. Angela F. Oliveira
de Bom Jardim

Da. Yeda A. Vieira
de Lages

Da. Francisca A. Faria
de Jacareí

Da. Juraci T. de Faria
de Medeiros

Da. Ofélia Motta
de São Borjas

Da. Terezinha J. Maciel

Da. Belinha Loureiro

Da. Antônia L. Maciel
de Soledade

Uma Devota
de Socorro

Da. Creodette Valentin
de Catanduva

Da. Maria O. Fogaça
de Porongaba

Da. Mariana Normanha
Ribeirão Preto

Da. Terezinha B. Melo

Da. Lourdes de Melo
de Sacramento

Sr. Osvaldo de Almeida
de S. J. Boa Vista

Sr. Francisco S. Oliveira
de S. Bárbara

Da. Maria A. Abreu

Da. Maria Santos
de Oliveira

Da. Angelina Rodarte
de Formiga

Da. Altair A. Oliveira
de Arcos

Da. Noêmia R. Guimarães
de Barra do Pirai

Da. Siria N. Felício
de Conchas

Da. Catarina Bengoches
de P. de S. Borja

Da. Terezinha N. Santos

Da. Emilia G. Lana
de Cons. Lafaiete

Da. Maria Ap. Cheade
de Taquaritinga

Da. Dinorá Acômpora
de Estreito

Os complexos . . . sob um prisma

Para os psicanalistas e psicopatas, os complexos são impasses morais, recalques mais ou menos conscientes que coartam a expansão e o entusiasmo, oprimem o coração, estreitam o espírito, amorteceem os impulsos, tolhem as atividades, desequilibram a conduta, desadatum ao ambiente. Complexo é o conflito entre o que se deve e o que se aspira ser e o que se é, na realidade. Complexos são doenças do espírito, portanto, indesejáveis, tristes, e às vezes, acabrunhadoras e fatais.

Mas, há um aspecto cristão do complexo. O cristão aceita o complexo como uma doença do espírito, assim como ele aceita, resignadamente, a doença do corpo. E ele não é, por isso, um vencido. Ele quer e procura a saúde do espírito, assim como deseja e se empenha em recobrar a saúde do corpo.

Mas, ao contrário de muitos homens sem fé e sem religião, o cristão não desespera ante o complexo e a dor moral, antes, confia na Divina Providência.

Os complexos, numa palavra, são dor. E onde há dor, pode haver redenção. Pois o cristão sabe que depois que Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus feito homem, morreu pregado numa cruz para nos salvar, tudo ficou transformado em meio de salvação para os homens. E entre esses meios de salvação está a dor e o sofrimento, do espírito e do corpo. A dor ocupa um papel transcendental na história da nossa redenção. Jesus Crucificado nos remiu pela dor, e nós nos devemos salvar pela nossa dor unida à Sua dor, realizando, assim, em nossa alma de membros, o que Jesus, Cabeça divina, também realizou, isto é, sofrendo com Ele e como Ele, para que assim todo o Seu Corpo místico — a Sua Igreja, alcance a salvação, através da dor.

Os complexos, pois, quaisquer que eles sejam, podem ser meritórios para o Céu, se suportados cristãmente. São meritórios porque nos aproximam mais de Jesus Redentor, nos possibilitam ser apóstolos pelo sofrimento que redime a alma do próximo e apaga os pecados.

Os complexos se colocam entre o pecado e a dor, como entre o seu princípio e a sua consequência. Na origem dos complexos curáveis e contraídos deliberadamente, encontra-se, não raro, o pecado. O pecado e negligência própria, ou dos pais, educadores, da sociedade, etc. Neste sentido, todo o pecado é também uma espécie de complexo. Os próprios psicanalistas, implicitamente, o reconhecem, quando proclamam a eficiência psico-

terápica do Sacramento da Confissão católica que, perdoadando os pecados, ajuda o espírito humano a libertar-se dos seus complexos e outras psicopatias.

Assim, pois, ao lado da visão naturalista dos complexos, por vezes bem-triste, deprimente e desesperadora, há uma outra visão católica e apostólica, esperançosa e resignada, dessas angústias do espírito. Porque, se o complexo-dor-pecado é uma escravização e destruição do homem, o complexo-dor-penitência é uma cruz, uma libertação, redenção. Eis porque os complexos, para uns, significam ruína, enquanto que para outros trazem redenção e salvação. E o que para a alma sem fé é, psicologicamente, um insofrível complexo, para a alma cristã se transforma, teologicamente, numa cruz redentora. Porque, usando uma terminologia cristã, o complexo é uma cruz interior. E toda a cruz humana que se coloca à sombra da grande Cruz redentora de Jesus, é cruz que redime, é dor que salva.

AURY MARIA BRUNETTI, C.M.F.

CASAR EM AGOSTO DÁ DESGOSTO?

É pura superstição. Aquilo que aqui se evita em outros países não se conhece. Na Alemanha, na Itália ou na França casa-se tanto em Agosto como em qualquer outro mês. Por quê? Porque naqueles países não existe o versinho absurdo, inventado por algum truão para rir-se dos papalvos. Vê-se assim que dita superstição não tem base religiosa, nem científica nem histórica. Apareceu sem fundamento nem seriedade. Que culpa pode ter o mês de Agosto de um mau casamento? Disse bem Mons. Ascânio Brandão: "O azar vem, sim, do pecado, da ofensa à lei de Deus, dos escândalos de certos noivados, da falta de preparação séria para o matrimônio. Não se casem como pagãos. Vivam como bons cristãos, e não haverá perigo algum. . . Deixem-se de superstições e tolices e não venham acusar o belo mês do Coração de Maria e da Assunção de Nossa Senhora. Tenham mais temor de Deus mais juízo, uma fé esclarecida e mais confiança na Divina Providência". E por que não afirmar: Casar em Agosto é de apurado gosto! ?

O que se deve ver em Fátima

NO SANTUÁRIO

A Capelinha das Aparições (1), pedida por Nossa Senhora e construída pelo povo, no próprio local em que Ela apareceu. A Imagem foi oferecida em 1920. Uma coluna de pedra, à esquerda da porta, do lado de fora, marca o local exato onde estava a carrasqueira.

A Azinheira Grande, contemporânea das Aparições, e sob a qual os Pastorinhos costumavam aguardar a vinda da Senhora.

A Basílica (2), começada em 1928, com uma torre de 65 mts., encimada por uma gigantesca coroa de bronze (7 toneladas) e por uma grande cruz iluminada de noite. Dentro, no transepto, encontram-se os túmulos dos Videntes Francisco (do lado da Epístola) e Jacinta (do lado do Evangelho).

A Esplanada (3), cuja superfície é o dobro da Praça de São Pedro em Roma, com a escadaria monumental e a magnífica Colunata (5).

Os Hospitais e as Casas de Retiros (4), a um e outro lado da Esplanada, para albergar os doentes nos dias das grandes peregrinações e receber exercitantes e peregrinos.

O Monumento do Sagrado Coração (6), construído sobre a fonte encontrada depois das Aparições.

A Igreja Paroquial (já por duas vezes reconstruída) onde os videntes foram batizados, onde muito eles rezaram e onde a Lúcia fez a sua Primeira Comunhão. Daqui partiam as primeiras procissões para a Cova da Iria.

A Casa Paroquial, onde foram interrogados os Pastorinhos e de onde o Administrador os levou presos.

O Cemitério, onde Francisco foi enterrado em 1919 e onde repousou, com a Jacinta, em pequeno túmulo, de 1935 a 1951, até serem trasladados para a Basílica da Cova da Iria. O lugar onde estiveram é hoje assinalado por um singelo monumento.

● CONGRESSO MARIANO NA HOLANDA — Nimega — Será celebrado, nesta cidade, de 11 a 13 de julho, um Congresso Nacional Mariano, em comemoração ao Ano Centenário de Lourdes. A Associação Acadêmica da Universidade Católica realizará uma sessão especializada de estudos mariais. À tarde, encenações serão efetuadas no estádio municipal. As comemorações se concluirão com a celebração da Santa Missa Pontifical, por Mons. Bernardo Alfrink arcebispo de Utrecht.



escreveu **THÔ FRÔ**

Conversa em família

Pelés, pelotas e pelotões

Nunca se vira coisa igual no Brasil. A alegria do povo por causa da vitória do nosso selecionado de futebol foi indescritível. Mas se nunca se viu coisa igual, a culpa não é do povo. É dos próprios jogadores de futebol que nunca tiraram um campeonato dêsse.

Se em 1954 tivessem vencido, a alegria seria a mesma.

O Brasil ficou cheio de norte a sul.

Em primeiro lugar cheio de Pelé. O menino campeão, tão menino que brinca ainda com garôtas e caiu de joelhos, espontaneamente, em pleno campo da vitória para agradecê-la a Deus, o menino passou a ser nome comum, de boca em boca.

Pelé pra cá, Pelé pra lá.

Até a Maria Lambisgóia, que não é mais de nosso tempo, nem é homem para interessar-se por pontapés em gente ou em bolas, fala, hoje, de Pelés, com toda a desenvoltura.

Naturalmente, chegamos a todos os exageros.

Partidos políticos ofereceram legendas a Vavá. Governador de Estado deu de presente um pingüê emprêgo para Gilmar. "Mister qualquer coisa" veio buscar Beilini para fazê-lo artista de cinema.

E se nossos bispos não fôssem homens sérios, eu ficaria com medo de que, após a Conferência em Goiânia, fôssem buscar Didi, para fazê-lo padre ou pregador de missões...

Mas o Brasil não ficou só cheio de Pelé. Ficou cheio de Pelotas. Só se falou em bola de futebol. As mamãezinhas começaram a ter desmaios de alegria

vendo seus bebês dar pontapézinhos nas fraldas. Vacação autêntica. Que será, mais tarde, êste garoto?

Gilmar ou Pelé?... (Naturalmente isso depende de duas coisas: primeiro dar cor da pele do menino depois das qualidades futebolísticas do mesmo).

E foi no meio dessa alucinação coletiva em tôr das pelotas e por causa dos Pelés que surgiram pelotões.

— Pelotões também?!...

— "Também os pelotões".

Diante das homenagens aos futebolistas, homenagens justas, exageradas, e até absurdas, começou uma tal de reclamação em favor dos pracinhas, e você nem imagina.

Êles também engrandeceram o Brasil. Êles fizeram mais. Êles etc..

Tudo muito certo, O que está errado, nêsse negocio, é o seguinte: Foi a imprensa e o rádio que fôram a enorme e desproporcional onda em tôr dos campeões do mundo. Como é que justamente a imprensa e êsse rádio aparecem agora reclamando esquecimento dos pracinhas?...

Isso está tôrto. Bem tôrto. E mais tôrto que isso é só a miopia de certos católicos que, vendo o deus é capaz a imprensa e rádio neste Brasil, não se interessam por dotar a sua Igreja dêsse poderosos meios de movimentação das massas.

Viram o que fizeram rádios e jornais em prol do futebol?... Quando é que nós vamos ajudar a Igreja a ter êsses formidáveis instrumentos de influência pública?...

MORREU DE ALEGRIA E EMOÇÃO

Não foi por causa da Copa do Mundo, não. Nem tampouco por causa da chegada dos nossos craques. Bem que houve casos nêsses últimos dias por tudo isso. Mas o fato que merece comentário nesta coluna é bem mais sublime, que agora procurei dar.

Transcrevo de um dos nossos matutinos:

"Numa pequena estação da Central, em Minas, um homem perdeu a vida porque salvou muitas outras. Morreu de emoção, incapaz de conter a alegria de ter evitado que dois trens se chocassem. Chamava-se **ADOLFO DILERMANDO DE AGUIAR**, e era agente da estação de Arco-verde, na linha do sertão do Norte de Minas. Êle só teve tempo de correr a agulha do desvio e virá-la: o trem de passageiros, vindo de Belo Horizonte, desviou-se do de carga e prosseguiu viagem. Dilermando, emocionado, caiu ali mesmo, junto à chave, fulminado por um colapso. Os passageiros nem souberam que um homem morrera de alegria de os salvar".

Morreu de alegria e de emoção. Mais de alegria sem dúvida. Como é bonito morrer assim.

Morreu de alegria, o humilde agente de uma estaçãozinha do interior. Morreu de alegria por ter salvado a vida de seus irmãos. Num desvio de linha. Num encruzilhada que poderia ter sido fatídica. Morreu porque foi bom. Morreu porque amou a seus irmãos mais do que a si mesmo.

A grandiosidade de se morrer de alegria provém precisamente de que a alegria é um dos frutos da caridade. Quando se tem caridade — que é verdade e autêntico amor — tem-se uma grande paz e consequentemente uma imensa e emocionante alegria.

É deveras estupendo morrer de alegria e de emoção porque é uma prova de que se morreu por amor e caridade atuante. E Adolfo Dilermando de Aguiar, um simples agente de uma estaçãozinha desconhecida do interior, morreu de alegria e de emoção.

M. P. B.

As "Cartas depois da Lua de Mel" serviço católico de Filadélfia

Filadélfia. — As "cartas depois da lua de mel" estão já no correio dirigidas a milhares de recém-casados da arquidiocese de Filadélfia.

Passado o mês de junho, o mês dos casamentos, é preciso acrescentar às listas o endereço de milhares de casais que vêm de se unir ante o altar.

Trata-se de um serviço inaugurado em 1953 pelo Departamento Arquidiocesano da Família para dar assistência aos esposos nessa difícil época de "ajuste" à realidade que se segue aos dias fugazes e românticos da "lua de mel".

Durante um ano após o casamento, ele e ela receberão seis cartas, uma cada dois meses, onde se abordam os problemas mais triviais da primeira época da vida de casados.

"Deverias sentir-te mais feliz, tanto quanto Deus quer que o sejas", lerá uma jovem talvez um pouco "desiludida" porque criou-se ilusões demais. A carta adverte-a entretanto que "ainda não sabes o que é a felicidade, porque não tiveste tempo de apreciá-la... de te sacrificares por teu marido e teus filhos e saberes assim o que é o verdadeiro amor".

Há também parágrafos para os homens e outras advertências gerais como esta: "por ninharias pode fracassar um casamento", enquanto sabendo-se superar as pequenas desavenças fica fechado o caminho para outras as maiores.

"Não procurareis sair vogando por vós mesmos quando Deus está disposto a ajudar-vos", reza ou-

tra advertência ao exortar os recém-casados a serem espelhos do casamento cristão.

Aconselha-se também que criem desde o início um "conselho de família" para resolver juntos os problemas do lar.

Uma das cartas traça os deveres de cada uma das partes, marido e mulher.

Entre as do "chefe da família" figuram estas:

— Amar e honrar a esposa, tratando-a sempre como companheira e mãe de seus filhos. Em caso necessário, deve corrigi-la.

— Deve dar exemplo, assumir a responsabilidade principal, marcar o rumo para a família, tomar as resoluções.

— É dever seu sustentar o lar, cobrir as necessidades materiais.

— Deve também vigiar para que a esposa e os filhos sejam bons católicos.

Para a nova dona de casa diz-se:

— Respeita o teu marido, mostra-lhe teu amor, ajudá-o a sair triunfante dos seus trabalhos.

— Deves obediência ao chefe de família em tudo que não se oponha à moral cristão.

— Ama o lar e permanece nele com prazer a menos que tenhas necessidades de sair.

— Exerce influência positiva para que teu marido e filhos alcancem o céu.

A última carta, sincronizada com o aniversário de casamento, recorda aos que passaram o primeiro ano de vida em comum "que a oração une a família".

Carlos Shreiner

cisões, o Pai Celestial jamais violenta esta liberdade. Respeita-a maravilhosamente, sem por isso deixar de proporcionar a eles todo o seu auxílio, toda a sua graça para que usem de sua liberdade com convém, isto é, para a escolha do bem.

Dai porque, quando agem os homens em desacordo com as leis divinas, quando resistem os homens aos delicados influxos de graças de Deus, os males se abatem sobre a terra, e têm os homens o desgosto de sofrer, tantas vezes, em sua própria carne, as consequências de seus atos desregrados.

Na realidade, o único fundamento da superstição reside no fato de os homens quererem descartar-se da responsabilidade que a cada qual incumbe pelo uso acertado ou desregrado de sua liberdade, dom supremo entre os demais e que Deus respeita com suma sabedoria uma vez que não tem porque se arrepender desta criatura estupefa que criou e que chama, com carinhosa mas discreta insistência a felicidade que para ela reservou na bem-aventurança eterna.

Na verdade, não há nada a temer dos gatos pretos, nem do número treze, nem das sextas-feiras, muito menos das sextas-feiras 13 (sejam elas de junho ou de agosto), mas tão somente do mau uso que cada qual pode fazer de sua própria liberdade, transgredindo os supremos ditames das leis divinas.

M. P. B...



AS ORIGENS DA SEDA NO OCIDENTE

IMPORTANTE INICIATIVA DOS MONGES

No ano de 555 D. C. dois monges nestorianos foram à Khotan, na Ásia Central, para pregar o Evangelho. Lá conheceram o cultivo da seda, tão apreciada no Ocidente, e que florescia nesse lugar graças à astúcia de uma princesa chinesa que trouxe óvulos do bicho da seda ocultos em seus cabelos, quando casou-se com um príncipe daquele país.

Leis severas proibiam a revelação dos segredos da sericultura aos estrangeiros mas, hábilmente, os dois religiosos conseguiram apoderar-se de sementes da amoreira e do bicho da seda, que ocultaram dentro dos seus bordões de bambú.

Regressando à Constantinopla, entregaram estas preciosidades ao Imperador Justiniano e, tempos depois o cultivo da seda irradiou-se por toda a Europa.

Os dias 13 e as Sextas-feiras. O mês de Agosto... e o azar...

Na verdade, mais do que pueril, é supinamente tólo apegar-se a certos tabus como esses de sextas-feiras, 13. Pois toda sexta-feira é um dia como outro qualquer. O dia 13 também. Os gatos pretos e quejandos, idem. Não há absolutamente nenhuma relação de causa a efeito com as sextas-feiras ou os dias 13 e os acontecimentos desagradáveis que nesses dias possam acontecer...

Na realidade, a argumentação deve ser colocada em outro plano. Um plano bem mais elevado, que é o do reconhecimento puro e simples da Providência divi-

na, pela qual Deus rege o universo e os homens, com suprema sabedoria, — embora freqüentemente incompreensível, para nossas inteligências pequeninas.

Depois, Nosso Senhor fez ver que todos os nossos cabelos estão numerados, e não cai um só deles sem a anuência do Pai que está nos Céus. Nesta metáfora quis o Senhor dar a entender que é sobretudo do homem que o Pai dos Céus tem cuidado. E que cuidado! Acontece, entretanto, que tendo feito o homem à sua imagem e semelhança, e portanto livre em seus atos e em suas de-

OS NOIVOS

mado por novos concorrentes de mendicidade, saíam para uma última e desesperada experiência de pedir socorro alhures, onde quer que fôsse, onde ao menos não fôsse tão densa e tão premente a multidão e a rivalidade no pedir. Encontravam-se, na sua oposta viagem, estes com aqueles peregrinos, espetáculo de horror uns para os outros, e amostra dolorosa, sinistro augúrio do termo a que uns e outros se encaminhavam. Porém êles seguiam cada um o seu caminho, se não mais pela esperança de mudar de sorte, ao menos para não tornarem para sob um céu tornado odioso, para não tornarem a ver os lugares onde haviam desesperado. Excepção de algum que, faltando-lhe completamente as forças, caía pelo caminho e ali ficava morto: espetáculo ainda mais funesto para os seus companheiros de miséria, objeto de horror, quiçá de censura, para os outros transeuntes. Escreve Ripamonti: "Vi, no caminho que contorna os muros, o cadáver de uma mulher... Saía-lhe da bôca uma erva meio roída, e os seus lábios ainda faziam como que um movimento de esforço raivoso... Tinha uma pequena trouxa no ombro, e, amarrada ao peito com as faixas uma criança que, chorando, pedia o seio... E haviam sobrevivido pessoas compassivas que, apanhando a pobre criaturinha, a levavam consigo, desempenhando assim, nêsse ínterim, o primeiro officio materno".

Aquêlê contraste de galas e de andrajos, de superfluidade e de miséria, espetáculo ordinário dos tempos comuns, havia então cessado completamente. Os andrajos e a miséria ostentavam-se quase por toda parte; e o que dêles se distinguia era uma mera aparência de parca mediocridade. Via-se os nobres andarem em traje simples e descuidado, ou mesmo usado e tacanho; alguns, porque as causas comuns da miséria também lhes haviam transtornado até êsse ponto a fortuna, ou levado a ruína patrimônios já desconcertados; outros, ou porque temessem provocar com o seu fausto a desesperação pública, ou porque se envergonhassem de insultar a pública calamidade. Aquêles protestantes odiados e respeitados, acostumados a andar com uma cauda de bravi, andavam agora quase sós, cabisbaixos, com fisionomias que pareciam oferecer e pedir paz. Outros que, mesmo na prosperidade, tinham sido de pensamentos mais humanos e de hábitos mais modestos, pareciam também confusos, consternados, e como que esmagados pela visão contínua de uma miséria que ultrapassava não só a possibilidade do socorro, mas eu quase diria as fôrças da compaixão. Quem tinha meios de fazer alguma esmola tinha, entretanto, de fazer uma triste escolha entre fome e fome, entre urgências e urgências. E, mal se via uma mão piedosa aproximar-se da mão de um infeliz, surgia em tórno uma rivalidade entre outros infelizes; aquêles a quem restava mais vigor adiantavam-se a pedir com mais insistência; os extenuados, os velhos, as crianças levantavam as mãos descarnadas; as mães levantavam e mostravam de longe os filhinhos que choravam, mal enrolados nas faixas esfarrapadas, e dobrados sôbre si mesmos, por languidez, nas mãos delas.

Assim se passou o inverno e a primavera; e já desde algum tempo o tribunal da saúde pública andava representando ao da provisão o perigo do contágio que ameaçava a cidade, por tanta miséria amontoada em tôdas as partes desta; e propunha que os mendi-

gos fôssem recolhidos a diversos hospícios. Enquanto se discute esta proposta, enquanto se aprova, enquanto se pensa nos meios, nos modos, nos lugares para levá-la a efeito, os cadáveres multiplicam-se nas ruas cada dia mais; em proporção disto multiplica-se também todo o outro montão de misérias. No tribunal de provisão é proposta, como mais fácil e mais expedita, outra medida, como fôsse o reunir todos os mendigos, sãos e doentes, num lugar só, no lazareto, onde fôssem mantidos e cuidados às expensas do erário público; e assim é resolvido, contra o parecer da Saúde Pública, que objetava que, numa tão grande aglomeração, cresceria o perigo a que se queria obstar.

O lazareto de Milão (para o caso de vir esta história a cair nas mãos de alguém que o não conhecesse nem de vista nem por descrição) é um recinto quadrangular e quase quadrado, fora da cidade, à esquerda da porta chamada Oriental, distante dos muros o espaço da fossa, de uma rua de circunvalação, e de um rego que contorna o próprio recinto. Os dois lados maiores são mais ou menos de uns cinquenta passos de comprimento; os outros dois, talvez uns quinze menos; todos, na parte externa, divididos em pequenos quartos de um só pavimento; por dentro, circula em volta de três dêles um pórtico contínuo de abóboda, sustentado por pequenas e magras colunas.

Os quartos eram duzentos e oitenta e oito, ou pouco menos; nos nossos dias, uma grande abertura feita no meio, e outra pequena feita num canto da fachada que ladeia a estrada real, suprimiram não sei quantos dêles. Ao tempo da nossa história, havia apenas duas estradas; uma no centro do lado que olha para os muros da cidade, e a outra bem defronte, no lado oposto. No centro do espaço interno havia, e ainda há hoje, uma pequena igreja octogonal.

A primeira destinação de todo o edificio, começado no ano de 1489 com o dinheiro de um legado particular, continuado depois com o do erário público e de outros testadores e doadores, foi, como o indica o próprio nome, abrigar eventualmente os doentes de peste; peste que, já muito antes daquela época, costumava, e costumou por muito tempo depois aparecer umas duas, quatro, seis, oito vêzes por século, ora nêste ora naquêlê pais da Europa, abrangendo-lhe às vêzes uma grande parte, ou mesmo percorrendo-a toda, em longitude. No momento de que falamos, o lazareto só servia para depósito das mercadorias sujeitas a expurgo.

Ora, para desimpedi-lo, não se obedeceu ao rigor das leis sanitárias, e, feitos a toda pressa os expurgos e os experimentos prescritos, liberaram-se tôdas as mercadorias de uma vez. Fez-se estender palha em todos os aposentos, fizeram-se provisões de víveres, da qualidade e na quantidade que foi possível, e, mediante édito público, convidaram-se todos os mendicantes a abrigar-se ali.

Muitos a êle afluíram voluntariamente; todos os que jaziam enfermos pelas ruas e pelas praças, para ele foram transportados; em poucos dias contaram-se, entre uns e outros, mais de três mil. Muitos mais foram, porém, os que ficaram fora. Ou que cada um dêles esperasse ver os outros ir-se embora, e assim ficaram poucos a usufruir as esmolas da cidade, ou por essa natural repugnância à clausura, ou por essa desconfiança dos pobres sôbre tudo aquilo que lhes é proposto por quem possui as riquezas e o poder (desconfiança sempre proporcionada à ignorância comum de quem a sente e de quem a inspira, ao número dos pobres e ao pouco senso das leis), ou por saberem de rato qual era na realidade o benefício oferecido, ou por tudo isso junto, ou por que outra coisa fôsse, o rato é que a maior parte, não fazendo caso do convite, continuava a arrastar-se penando pelas ruas. Visto isto, julgou-se conveniente passar do convite à força. Mandaram-se em ronda esbirros que empurrassem os mendicantes para o lazareto, e a êle levas-

(Continua)

Livraria da "AVE MARIA" - Caixa 615 - São Paulo

DIVERSOS

Aos Irmãos Separados	80,00
Arte de ser Chefe	70,00
A Caminho da Felicidade	80,00
Centelhas	50,00
Claro Caminho	70,00
Castidade do Matrimônio	35,00
Confessai-vos Bem	40,00
Comungai Bem	40,00
Cristianismo e Democracia	40,00
Educação Sexual e Afetiva	100,00
Estrêla do Alto Mar	25,00

Juventude em Alto Mar	45,00
A Nova Classe	100,00
Cristó em Nossos Irmãos	30,00
Decênio Crítico	40,00
Divino Amigo — Pensamentos para Retiro	30,00
Divórcio	80,00
Educar com Êxito	40,00
Em face do Dever	105,00
Formação da Filha de Maria	40,00
Idade, Sexo e Tempo	70,00
Jesus no Seu Tempo	272,00
Juventude, Sexo e Moral	35,00

NOVO HINO A N. SRA. DE LOURDES

Sr. Padre Vigário; Sr. Maestro de câro! Celebre, mais brilhantemente, as festas de Nossa Senhora neste ANO CENTENÁRIO DE LOURDES, adquirindo êste piedoso cântico: "PRECE A N. SRA. DE LOURDES", para câro e fléis, com 3 lindas estropes, a 1 ou 5 vozes. PREÇO: Cr\$ 20,00, cada exemplar (incluso o porte). — Pedidos à Editora "AVE MARIA", Caixa Postal, 615, So Paulo.

O prezado assinante mudou de residência? Queira utilizar êste cupom.

RESIDÊNCIA ANTIGA:

Nome

Cidade

RESIDÊNCIA NOVA:

Nome

Rua N.º

Cidade Estado

Finalmente saiu do prelo

Na Luz Perpétua

4.^a edição

A mais completa Vida de Santos da América Latina

Dois grossos volumes com 1297 páginas, duzentos clichês, em papel brilhante de primeira com encadernação sólida e vistosa.

"NA LUZ PERPÉTUA"

o livro que não deve faltar em nenhum lar católico.

O presente mais indicado para festas de casamento e aniversários.

PREÇO Cr\$ 600,00

O pagamento pode ser efetuado em 2 ou 3 prestações

PEDIDOS A EDITORA LAR CATÓLICO — Caixa P. 73 — Juiz de Fora — Minas Gerais

ARROZINA

NA ALIMENTAÇÃO INFANTIL

o primeiro alimento que o bebê realmente aprecia!

Associação da farinha de arroz e fécula de mandioca cientificamente preparada por processo que o torna MAIS DIGESTÍVEL E ASSIMILÁVEL. Uma tradição nas recomendações médicas há mais de 30 anos!



NA COZINHA

EXCELENTE NO PREPARO DE:

BOLOS MINGAUS - BISCOITOS
PUDINS SOPAS - ENGROSSADOS
e mais um mundo de pratos deliciosos!



ARROZINA

Indicadíssimo alimento
para crianças, adultos, doentes,
escolares no preparo
de bolos, mingaus,
pudins, etc.
Fornece de energia
a farinha de arroz
usada por mais de
30 anos.

IDISA INSTITUTO DIETÉTICO INFANTIL S. L.

Caixa Postal 4334 — S. Paulo

Uma instituição dedicada à alimentação infantil